

Manoel de Barros

“Poesia é armação de palavras
com um canto dentro.”



Ler imagens

A narrativa de grandes ilustradores

Numeramento

O brasileiro sabe ler
gráficos, tabelas e contas?

A bandeira da leitura

Projeto de formação de
leitores no Recife distribui
livros, valoriza obra do
poeta Manuel Bandeira e
revitaliza bibliotecas





Expediente

Presidência da República

Ministério da Educação

Secretaria Executiva

Secretaria de Educação Básica

Diretoria de Políticas de Formação,
Materiais Didáticos e de Tecnologias
para a Educação Básica

Coordenação-Geral
de Materiais Didáticos

Equipe Técnico-pedagógica

Andréa Kluge Pereira
Cecília Correia Lima
Elizangela Carvalho dos Santos
Jane Cristina da Silva
José Ricardo Albernás Lima
Lucineide Bezerra Dantas
Lunalva da Conceição Gomes
Maria Marismene Gonzaga

Editor

Ricardo Prado

Consultora Pedagógica

Maria José Nóbrega

Reportagem

Maria Lígia Pagenotto (texto)
Luiz Dantas (fotos)

Colaboradores

Maria da Conceição F. Reis Fonseca
Ezequiel Theodoro da Silva

Projeto gráfico e editoração

Carlos Neri e Eduardo Trindade /
Estação Gráfica

Foto da capa

Luiz Dantas

Jornalista Responsável

César Augusto – 2524/DF

LeituraS é uma publicação da
Secretaria de Educação Básica do
Ministério da Educação, produzida
pela Coordenação Geral de Materiais
Didáticos, da Diretoria de Políticas de
Formação, Materiais Didáticos e de
Tecnologias para a Educação Básica,
e financiada pelo Projeto 914BRA1113
– UNESCO.

Março de 2007



06 Dando Bandeira

Oficinas de leitura, formação de professores e 400 mil livros distribuídos aos alunos do Recife geraram uma febre leitora sem contra-indicações.

12 As bibliotecas de Recife

A experiência do Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores da capital pernambucana é analisada por Ezequiel Theodoro da Silva, Presidente da Associação de Leitura do Brasil.

14 Entrevista: Manoel de Barros

O poeta do Pantanal fala sobre suas memórias de leitura da infância e sobre seus autores favoritos.

17 De leitores a autores

Atire o primeiro verso quem nunca encontrou uma pedra no meio do caminho. Mas há muitas formas de estimular seus alunos a escreverem poesia.

20 Ler vendo. Ou ver lendo?

Ilustradores mostram algumas chaves de leitura para entender como traços e pinceladas, cores e tons, contam uma história.

26 Na sala, como num palco

"O bom poema é aquele que sobrevive a uma leitura minuciosa." A partir desta observação, Maria José Nóbrega mostra como um professor se prepara para ler em classe.

31 LeituraS

Brincadeiras de Manoel de Barros

32 O brasileiro sabe contar?

Maria da Conceição Ferreira, da Universidade Federal de Minas Gerais, que ajudou a conceber o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), analisa a habilidade numérica do brasileiro.

36 As trovas populares

Cantigas de roda, trava-línguas, parlendas e adivinhas fazem a linguagem poética acessível a todas as idades. Use e abuse delas.

39 Ler em... Ciências

O bioquímico pernambucano Ricardo Ferreira, autor de livros de divulgação científica sobre a Teoria da Evolução e a descoberta do DNA, relembra suas leituras de formação.

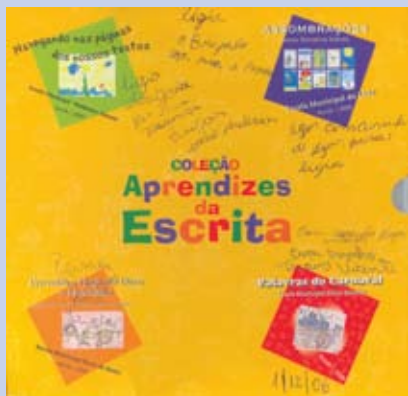


Angela-Lago

O milagre estético da poesia

Esta segunda edição de **LeituraS** tem dois “Manoéis”, ambos poetas de verso livre e desimpedido de um compromisso absoluto com as normas gramaticais. Não que destratem nossa língua portuguesa, nada mais diferente disso. O que fazem os dois poetas é libertar o lirismo para seu verdadeiro papel de anunciador de um “milagre estético”, sem que seja preciso parar e “averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo”. As primeiras aspas pertencem ao poeta matogrossense Manoel de Barros, que em rara entrevista revela, em frases curtas urdidas à semelhança de seus poemas, o que pensa sobre ler e fazer poesia. Para ele, a poesia é um dom que se vai mostrando devagar. Ou uma disfunção cerebral. “É consequência de um parafuso a mais ou a menos na cabeça. Porque despraticar as normas é virtude em poesia.”

As segundas aspas do parágrafo acima pertencem a Manuel Bandeira – inspirador de um consistente projeto de incentivo à leitura, feito na mesma Recife que ele trouxe para seus poemas – nossa reportagem de capa. A repórter de **LeituraS**, Lígia Maria Pagenotto, conheceu bibliotecas cheias de livros (e, melhor, de alunos), conversou com professores, formados para se tornarem incentivadores da leitura, e se encantou com a receptividade que a obra do poeta recifense encontra junto aos estudantes do ensino fundamental. E trouxe, como prova e recordação, a coleção *Aprendizes da Escrita* (ao lado, a capa autografada por alguns autores). São quatro livros inteiramente escritos e ilustrados pelos alunos que participaram do projeto, inicialmente como leitores, ao cabo dele como escritores.



Ricardo Prado
Editor

Escreva para:

✉ leituras@mec.gov.br

LeituraS

Secretaria de Educação Básica
Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental
Coordenação-Geral de Estudos e Avaliação de Materiais (COGEAM)

Ministério da Educação, Esplanada dos Ministérios
Bloco L, Sala 612, Brasília/DF, CEP: 70047-900
Telefone: (61) 2104.8636

As matérias publicadas pela revista podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. Quando assinadas, indicar o autor. Artigos assinados expressam as opiniões de seus respectivos autores e não, necessariamente, as da SEB, que os edita por julgar que contêm elementos de reflexão e debate.



Caldeirão sem fim

O portal www.dominiopublico.gov.br foi lançado em novembro de 2004 com o objetivo de facilitar o acesso a obras de qualidade. A proposta é disponibilizar obras literárias, artísticas e científicas – você pode optar por imagens, sons, texto e vídeo – já em domínio público ou que tiveram sua veiculação autorizada pelos autores. É possível encontrar textos de diversas áreas do conhecimento, em idiomas como holandês, dinamarquês, finlandês, além, é claro, do português, francês, espanhol, inglês, italiano, alemão, russo. Só para ter uma idéia, se você optar por imagens e clicar em “ilustrações”, escolher o idioma “francês” vai encontrar uma bela imagem intitulada “cartão postal do 14 bis”. Já se a intenção for ler *Alice no País das Maravilhas* em inglês, você vai encontrar, assim como Hans Christian Andersen. Em francês, é possível ter acesso aos contos de Charles Perrault e às fábulas escolhidas de Jean de La Fontaine.

Mais livros nas escolas

As escolas públicas das séries/anos finais do ensino fundamental irão receber, em 2007, as obras selecionadas para o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE/2006). Serão distribuídos 225 títulos, organizados em três acervos com 75 obras cada, dependendo da quantidade de alunos matriculados: escolas com até 150 alunos receberão 75 livros, entre 151 e 300 alunos, 150 obras e escolas com mais de 300 alunos receberão todos os 225 livros selecionados. Os acervos são compostos por obras de diferentes gêneros: poesia, contos, crônicas, romances, biografias, livros de imagens e histórias em quadrinhos, a grande novidade do PNBE/2006.

Site de leitura reformulado

A Associação de Leitura do Brasil, responsável pela organização do Cole (Congresso de Leitura do Brasil) – evento bianual, com sede na Unicamp – está com nova diretoria. Para começar bem os trabalhos, o site da entidade foi totalmente reformulado. No endereço www.alb.com.br o professor pode encontrar uma livraria virtual, textos para apoio aos trabalhos pedagógicos, ensaios de especialistas em leitura, relatos de experiências, resenhas de livros teóricos que tratam de questões da leitura, entre outros textos que, com certeza, poderão contribuir para a formação de leitores. Também é possível se associar à entidade e receber as publicações da ALB (entre elas a *Revista Leitura: Teoria & Prática*), além de descontos nos produtos da livraria e nos eventos promovidos pela entidade.

Guimarães Rosa para menores

As comemorações pelos 50 anos da publicação de *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, percorreram todo o Brasil em 2006. Foram seminários, palestras, exposições e até um dicionário, entre outras tantas homenagens para esta que é considerada a obra-prima do escritor mineiro. O personagem principal, Riobaldo, narra a uma personagem não identificada suas aventuras como jagunço pelo sertão. Além da trama bem elaborada, a obra encanta pela recriação lingüística e pelos aforismos, que traduzem um sertão ao mesmo tempo rude e lírico, em frases que se tornaram clássicas como esta: “Sertão é dentro da gente”. O PNBE/2006 distribuiu a obra *O Burrinho Pedrês* (acervo 3), livro infanto-juvenil que pode ser uma boa maneira de introduzir os alunos no universo de Guimarães Rosa.





Professora Patrícia Fontes, da Escola Municipal Karla Patrícia: limpeza geral, fim do mofo e fantoches para a hora de contar histórias

Recife, capital da leitura

Bibliotecas de escolas municipais da capital pernambucana passam por renovação e se tornam parte relevante do processo de formação e aprendizagem de crianças e professores

Reportagem de Maria Lígia Pagenotto
Fotografias de Luiz Dantas

Com a mesa cheia de papéis, lápis na mão, o menino José Henrique da Silva, 8 anos, desenha numa sala de aula quase vazia da Escola Municipal Nossa Senhora do Pilar, na cidade de Recife (PE). Seus colegas correm pelo pátio, brincando, mas naquela hora ele resolveu ficar por ali.

Concentrado, José Henrique é flagrado em seu silêncio e mal levanta os olhos do papel para responder o que lhe pedem. “Manuel Bandeira”, diz, sem vacilar, quando indagado sobre que autor gosta de ler.

De fora, os amiguinhos vêem a movimentação das visitas na classe e logo se aproximam para participar da conversa. Diante da pergunta “Quem gosta de ler?”, todos levantam os dedinhos, pulam: “Eu, eu, eu!”, gritam em coro. E querem falar de Bandeira. Dele sabem nome de obras, recitam poemas.

“Quando eu tinha seis anos, ganhei um porquinho-da-índia, que dor de coração eu tinha porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!”, cita, rindo, a menina Nataliane Gomes da Silva, de 9 anos, a poesia *Porquinho-da-Índia*.

Bandeira é referência importante para essas crianças, pernambucanas como o poeta, nascido no Recife, em 1886. São rápidas ao citar um livro do autor de que gostam: *Berimbau e outros poemas* (Nova Fronteira), adotado pela escola. É deste livro o poema recitado por Nataliane.

É final de novembro, e os meninos estudam a obra do conterrâneo desde o início das aulas, em fevereiro, quando a Secretaria de Educação, Esporte e Lazer de Recife instituiu 2006 como o ano dedicado a ele.

A iniciativa oficial só fez estreitar ainda mais o vínculo já existente entre o autor e as crianças recifenses. Para celebrar esse encontro, no dia em que o escritor completaria 120 anos, 19 de abril, os alunos da rede pública municipal começaram a receber uma série de livros do poeta, por conta do Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores, criado pela secretaria. “Todos os estudantes ganharam um conjunto de livros, sendo que pelo menos uma das obras era de Manuel Bandeira”, conta Carmen Lúcia Bezerra Bandeira, responsável pela Gerência de Biblioteca e Formação de Leitores do município, um setor criado em julho de 2005 com um objetivo bastante claro: difundir a leitura por meio da dinamização das bibliotecas de escolas.

Ano de Bandeira

As bibliotecas não podem mais ser um lugar complementar da educação, segundo os idealizadores do projeto. “A escola”, diz Carmen, “precisa ampliar seus espaços de aprendizagem e a biblioteca tem de ser parte integrante deles, não um apêndice”. Segundo a conta da secretaria, foram distribuídos cerca de 400 mil livros diferentes, organizados segundo a faixa etária, para 144 mil alunos dos 1º e 2º ciclos da rede.

Estava dada, então, a largada para o ano de Bandeira, com a intenção de formar leitores. Distribuição concluída, os alunos da rede municipal não decepcionaram: nada de livros encostados em casa. Eles lêem, e muito, nas escolas e, como não poderia deixar de ser, levam a leitura para dentro de seus lares, como querem os idealizadores do Programa Manuel Bandeira.



Carmen Lúcia (esq.) e Christiane de Oliveira, da Gerência de Biblioteca e Formação de Leitores de Recife: 400 mil livros para alunos e foco na formação docente

“Estamos fazendo das bibliotecas das escolas um lugar encantador, que atrai e seduz o leitor desde pequeno, para que ele se torne um multiplicador desta prática”, conta Carmen.

Convidada pela diretora de ensino da Secretaria Municipal de Educação de Recife, Ester Calland de Souza Rosa, a assumir a Gerência de Biblioteca, Carmen não hesitou. “A leitura é um elemento essencial na formação das crianças”, acredita a educadora. Com longa experiência na área, ela sempre soube que livros, por si só, não necessariamente formam leitores. “Eles não se bastam. É preciso provocar, estimular o seu uso”, pontifica.

Justamente com o intuito de pensar formas de acender nos alunos o desejo de ler, Carmen formou uma equipe na secretaria tão empenhada quanto ela quando o assunto são os livros. Fazem parte do grupo Maria Solange Brandão, Christiane Ribeiro de Oliveira e Rosa Cândida Bezerra Cavalcanti. Todas já trabalharam com formação de leitores. “Temos um contato estreito, que transcende nossa relação no governo, pois integramos a organização não-governamental Centro de Cultura Luiz Freire e lá trabalhamos em muitos projetos de estímulo à leitura. Um deles foi o *Aprendendo a Gostar de Ler*, voltado a professores”, explica Carmen.

Nas escolas, elas também foram responsáveis, no início dos anos 1990, pela criação dos chamados “cantinhos da leitura” nas salas de aula. Por conta desse histórico, conhecem bem a realidade da rede pública – quando tomaram posse da Gerência, tinham idéia do que encontrariam pela frente. “Já havíamos feito um diagnóstico das bibliotecas das escolas – infelizmente a maioria estava relegada a segundo plano, instalada em lugares muito feios”, relembra Carmen.

Um dos responsáveis por esse sucateamento dos espaços de leitura foi o crescimento do número de crianças matriculadas nas escolas. “O ensino fundamental chegou a todos, hoje praticamente não há criança que não frequente uma sala de aula. Isso é



Alunos da EM Karla Patrícia deitam e rolam na biblioteca: ambiente acolhedor, com livros atraentes, dispostos na altura adequada, e a Sexta-feira Literária aumentaram a frequência

uma vitória, mas para acomodar tantos alunos foi preciso ocupar até as bibliotecas”, conta Christiane de Oliveira.

Essa ocupação seria provisória, mas acabou se tornando permanente em muitos prédios escolares, por absoluta falta de espaço. Os livros então tiveram um destino comum: foram amontoados em depósitos – ou, na falta destes, em qualquer canto disponível.

A consequência desse movimento é mais ou menos previsível: as bibliotecas deixaram de ser um lugar de leitura, pesquisa, descoberta. Perderam sua função. Os livros estragaram ou ficaram difíceis de ser acessados, dividindo espaço no almoxarifado com officios e outros papéis, por exemplo.

Numa situação como essa, qual professor se motivaria a assumir espontaneamente a coordenação de uma biblioteca? Quase nenhum, obviamente.

Mas, mesmo espremidas, as bibliotecas que resistiram precisavam de alguém para abrir suas portas, ao menos. Para estes cargos fictícios de “bibliotecária” – especialização que oficialmente não existe na rede de Recife – optou-se então por deslocar aquelas professoras de classe que estavam afastadas do ensino, em geral por problemas de saúde ou por dificuldade em lidar com os alunos. Se as bibliotecas deixaram sua função original de lado, qualquer um poderia se responsabilizar por elas. Essa era a lógica vigente.

“Quando assumimos, o que víamos nas bibliotecas, além da precariedade física, eram pessoas extremamente desmotivadas, encostadas, sem perspectiva nenhuma de crescimento profissional”, explica Maria Solange.

Esse quadro precisava ser mudado com toda urgência, não havia dúvida, para que o projeto de Ester e Carmen pudesse ser posto em prática.

Ampliando e repaginando

O grupo então arregaçou as mangas e foi à luta – o fato de não haver bibliotecárias na rede não intimidou a Gerência. O que poderia ser um problema à primeira vista foi transformado em diferencial do projeto. “Queríamos mais do que uma bibliotecária, com seu conhecimento técnico do acervo e do espaço”, completa Carmen. Para lidar com as crianças, a equipe sentiu que seria necessário alguém com espírito de professor, gosto pela leitura, amor aos livros, vontade de disseminar a leitura e muita, muita paciência no trato com os pequenos.

Detectado o perfil da profissional, decidiu-se ampliar o quadro das responsáveis pelas bibliotecas da secretaria, uma das metas do Programa Manuel Bandeira. Além das professoras deslocadas de suas funções, em outras gestões, para assumir os cargos por total falta de alternativa, foram criados novos postos de trabalho. Ao todo, hoje, na rede municipal de Recife, há 92 professores de biblioteca, segundo cálculos de Christiane. “Quando assumimos, havia 67 salas de leitura e bibliotecas. Hoje, com muitos desses espaços repaginados e outros novos que foram criados, há 78”, assegura.

Leitores de ouvido

Contar histórias ajuda a formar leitores, pois todo mundo que lê sempre teve alguém que primeiro lhe contou uma história

Fonoaudióloga, Ana Néri Araújo sabe o quanto a voz é importante para qualquer pessoa. “Ela é nossa identidade”, resume. Por aí dá para se ter uma idéia do que sente um professor que foi afastado de sua função porque perdeu a voz, seu instrumento de trabalho. “Há muitos docentes nessa condição remanejados para a biblioteca sem ter formação para isso”, diz a especialista.

“Trabalhamos a voz, o olhar, a postura nas oficinas de leitura. Há vários recursos que devem ser postos em prática quando se conta uma história”, lembra a fonoaudióloga. “Ao contar uma história, a pessoa ressignifica aquilo para si, há um efeito terapêutico nisso”, diz Ana Néri. Os professores que participam da oficina relatam, entre outros ganhos, o domínio da palavra falada, a perda da vergonha de se expressar em público e a melhora da auto-estima, fundamental para o caso das professoras readaptadas. “Contar histórias ajuda a formar leitores, pois todo mundo que lê sempre teve alguém que primeiro lhe contou uma história. Por isso, a ênfase que damos nesta formação”, explica Carmen Bandeira.



A criação do Cantinho de Leitura na Escola Municipal Waldemar Valente, escrita e ilustrada pela estudante Rayane Berenice, de 11 anos



Dia 19 de abril, aniversário de Manuel Bandeira: a partir desta data, os alunos da rede municipal começaram a receber um *kit* de livros, dentre os quais pelo menos um era do poeta

Com uma biblioteca grande e arejada para administrar, a professora Patrícia Fontes, da Escola Municipal Karla Patrícia, conta que enfrentou muitos problemas quando assumiu o cargo. “Aqui era cheio de caixas, não havia espaço para os alunos e um biombo impedia o acesso deles às prateleiras de livros, dispostos sem nenhum critério”.

Patrícia logo viu que aquela realidade não batia com os propósitos do Programa Manuel Bandeira, para o qual havia sido contratada. “Tratei de dar vida ao lugar. Fizemos uma limpeza geral, eliminamos o biombo, o mofo e compramos fantoches para as oficinas de contação de histórias”, explica.

Para envolver os pais dos alunos no projeto, toda sexta-feira a escola Karla Patrícia promove a Sexta Literária – os alunos apresentam um pouco do que sabem em forma de teatro, música, jogral, leitura de textos. Nesse dia, os alunos incorporam o contador de histórias para seus pais e às vezes os papéis se invertem.

“Valorizamos muito o universo das famílias – há histórias ótimas, de pescadores, assombrações. Muito desse material oral já foi incorporado à nossa biblioteca, redigido pelos alunos. São histórias que

passam de pai para filho e, assim, quase brincando, um incentiva no outro o prazer da leitura”, diz Patrícia, provando que para formar leitores há muitos caminhos.

A formação desses professores que trabalham em bibliotecas é continuada, com encontros mensais desde fevereiro de 2006. Fora isso, a Gerência proporciona também encontros mais específicos, para habilitar contadores de histórias, por exemplo. Dentro dessa linha, já realizou 10 encontros de 30 horas. “Trabalhamos com uma equipe multidisciplinar, em que há fonoaudióloga, artista plástico, arte-educadora, ilustrador e escritor. Só assim é possível formar um bom contador de história”, diz Carmen.

No trabalho com os professores de biblioteca, os formadores são alguns dos próprios docentes da rede. “Essa é nossa proposta: queremos formar pessoas que possam depois ser formadoras também, multiplicando a ideia”, frisa Maria Solange Brandão, no magistério há 30 anos e agora na equipe de Carmen.

Ela é um destes casos. Aproximou-se da ideia da leitura como prática transformadora na sala de aula quando participou de uma oficina proporcionada

pela ONG Luiz Freire. “Nessa época, eu dava aulas numa escola da comunidade do Pina (bairro de Recife) e quando soube da oficina de leitura, me inseri no projeto”, diz. Maria Solange, que sempre quis ser alfabetizadora, com foco na poesia, se encontrou no trabalho da ONG. “Foi um momento muito marcante para mim, pois vi como é importante difundir entre os professores o gosto pela leitura. Quem gosta de uma coisa, passa a seduzir, faz os outros gostarem dela também”.

Além dos professores de biblioteca, o Programa Manuel Bandeira contempla também a figura dos mediadores. Eles são estudantes universitários de cursos de história, letras, geografia, artes, pedagogia e comunicação social, que têm por função dinamizar as ações das professoras, trabalhando em parceria com elas nas bibliotecas. Os mediadores ficam nas bibliotecas durante 4 horas por dia, de terça a sexta – às segundas-feiras têm reuniões na secretaria. Como os professores, eles são selecionados pela equipe da Gerência por meio de entrevista e de uma oficina de leitura. “Eles também devem ter como principal atributo o gosto pelos livros”, afirma Christiane.

“Tento trazer para a biblioteca aquilo que o professor não trouxe”, diz Rosinete Soriano, de 22 anos. Estudante de Letras, ela é uma das mediadoras de leitura do Programa, com atuação na escola Reitor João Alfredo. “Pego uma turma da escola por dia e fico com ela cerca de 60 minutos”.

Rosinete gosta de proporcionar às crianças eventos dinâmicos com música, fantoches. Acha difícil formar leitores, mas sente-se estimulada com a proposta da secretaria. “Faço Letras porque para mim literatura é tudo. Amo Clarice Lispector, Rubem Fonseca, e gostaria muito que outras pessoas fossem estimuladas a ler esses autores”, afirma.

A equipe do Programa Manuel Bandeira não esqueceu que, para seduzir novos leitores é preciso, além de uma competente professora de biblioteca, oferecer também um ambiente acolhedor.

Com esse objetivo de renovação dos espaços físicos, foi lançado, em fevereiro de 2006, um concurso para Instalação ou Reestruturação de Bibliotecas Escolares. Em um curto espaço de tempo foram aprovados 58 projetos – 35 de reestruturação, com aquisição de acervo, e 23 de instalação.

De leitora a escritora

As mãos de Natally Milena Teixeira da Silva, de 8 anos, devem ter ficado cansadas de dar autógrafos na noite da sexta-feira, dia 01/12/06. Aluna da Escola Municipal Chico Mendes, ela é uma das autoras do livro *Palavras do Carnaval*, feito em conjunto com seus colegas e que integra a coleção *Aprendizes da Escrita*, com quatro obras produzidas por estudantes da rede de ensino de Recife. A coletânea foi lançada na Academia Pernambucana de Letras.

Feita com esmero visual e tiragem de mil exemplares, a edição conta com os livros *Palavras do Carnaval*; *Assombrações: breves narrativas infantis*; *Releitura das histórias de Jeane Siqueira* e *Navegando nas páginas de nossos textos*, todos produzidos em sala de aula por 120 alunos entre 6 e 13 anos de quatro escolas municipais.



Natally Milena (esq) e Camila de Macedo, autoras da Coleção *Aprendizes da Escrita*, no dia do lançamento: ler estimula a escrever

As bibliotecas vivas do Recife

Por Ezequiel Theodoro da Silva*

Pode ser que a dinâmica da leitura na rede municipal de ensino de Recife não seja ainda nenhuma Pasárgada, mas caminha a passos largos nesse sentido com o Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores, instituído em julho de 2005. Como desejava o poeta e como querem as autoridades da cidade, nesse espaço educativo já podemos encontrar o campo lavrado, “a casa limpa, a mesa posta, com cada coisa em

seu lugar”. A estrela brilhante da leitura se faz presente, intensa e significativamente, na vida de milhares de estudantes pernambucanos – presença que resulta de um primoroso concerto de ações por profissionais que sabem o que querem e sabem o que fazem. Que lêem. Que sonham.

Quem achar que a formação de leitores na sociedade brasileira resulte de milagres divinos, obras do acaso, voluntarismos, arranjos sem pé nem cabeça ou esponta-

neismos, está muito enganado! A leitura escolarizada, tal qual a aprendizagem de qualquer competência, precisa ser objetivamente arquitetada, envolvendo propósitos políticos bem definidos e aquilo que neles se encarnam: objetivos, obras, metodologias e avaliações. E no comando do projeto pessoas bem preparadas, que gostem muito daquilo que fazem, que ensinam a partir do exemplo e que vivenciam as práticas de leitura que orientam. Para esparramar leituras junto

Especialista em leitura destaca a recuperação da oralidade como forma de aproximação com os livros e escolha de poeta “da casa”



às novas gerações, o professor tem que gostar de ler, ler muito, ter prazer na convivência com a escrita. Para produzir leitores da palavra escrita, tem que haver gente disposta a vestir a camisa, a “fazer ginástica, andar de bicicleta, montar em burro brabo, subir em pau-de-sebo e tomar banhos de mar”. Concretamente! Igual a um recife que, para acontecer, tem que mostrar-se fora d’água.

Professores de biblioteca e mediaadores (estudantes universitários de diferentes cursos), previamente preparados em oficinas multidisciplinares, somam braços e vozes na implementação das atividades junto aos estudantes dos 1º e 2º ciclos. Esses profissionais dão os seus testemunhos de leitura, põem todos na roda de escuta, lêem expressivamente Bandeira: “os poucos versos que aí vão, em lugar de outros é que os ponho,

podemos ver e sentir na leitura dessa linda experiência, carregam consigo essas qualidades, exercitando-as e multiplicando-as nos encontros com os estudantes de Recife. Une-se assim compromisso político e competência técnica. Funde-se assim a teoria na prática. Cria-se assim o amor e o prazer pela leitura.

A partir da leitura crítica dessa experiência em terras pernambuca-



Professora Maria José e seus alunos na biblioteca da Escola Nossa Sra. do Pilar: música e fantasia para seduzir novos leitores

Os dois principais andaimes da experiência recifense são: (1) biblioteca se apresentando como um núcleo central do contexto do ensino, em ambiente acolhedor e bem abastecido de livros (foram distribuídos quase meio milhão de livros para 144 mil estudantes!) e de atividades; e (2) a dinamização da leitura ocorrendo segundo parâmetros multidisciplinares, com recuperação da oralidade da cultura (contação de histórias) como via de acesso para a convivência assídua com os livros. Além disso, o programa propõe o conhecimento e a fruição de um poeta pernambucano numa tentativa de destacar um expoente literário da casa, que como ninguém cantou a “Recife sem mais nada, Recife da (...) infância” – Recife de Totônio Rodrigues, Rosa e Tomásia.

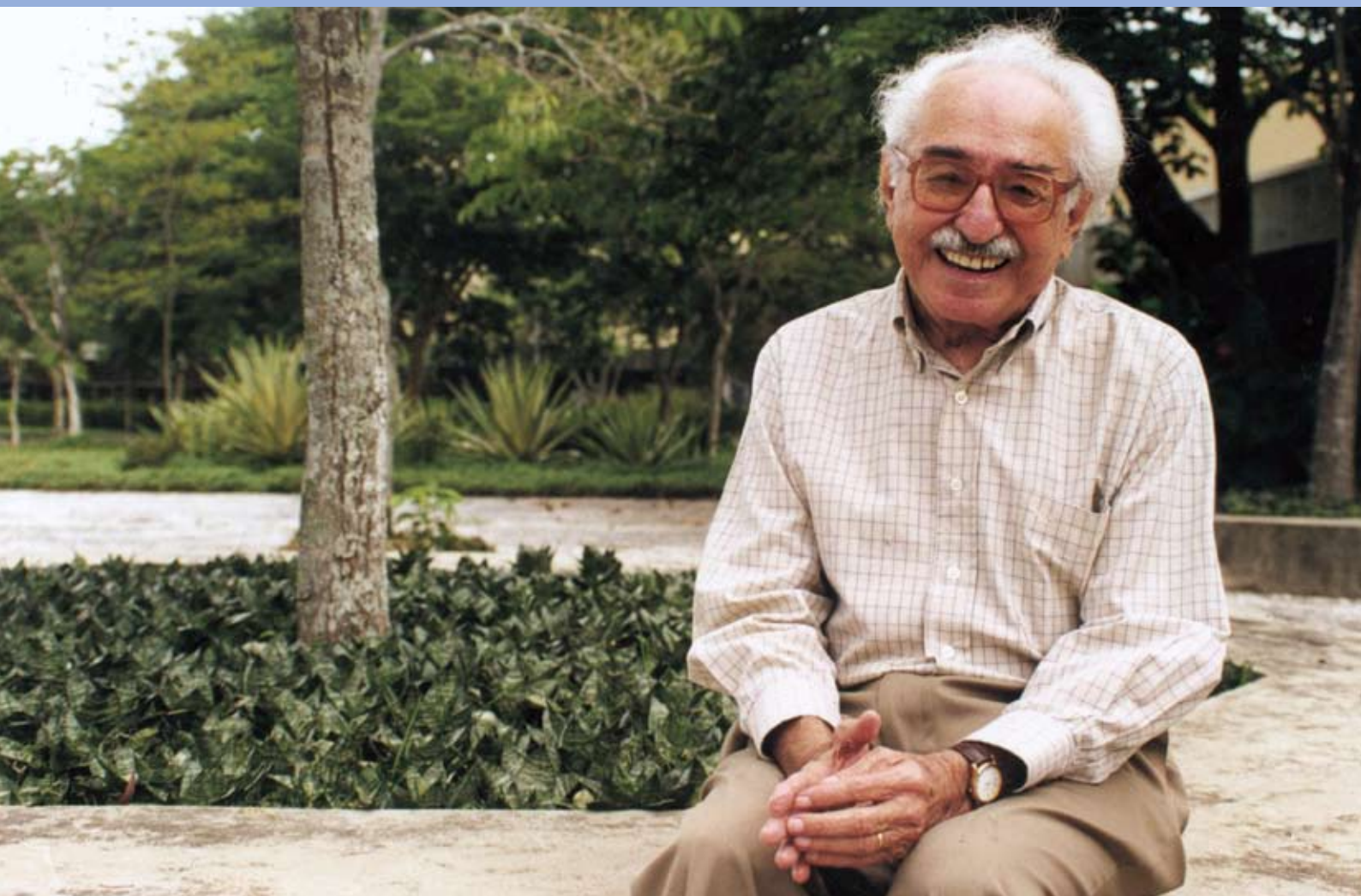
tu que me lês, deixo ao teu sonho imaginar como serão”. E das práticas de leitura nascem outros escritos na forma de livros dos próprios alunos, com direito à sessão de autógrafos e efusivos aplausos da Academia Pernambucana de Letras.

Para arrematar este comentário, convém lembrar Paulo Freire, também natural de Pernambuco, que se foi destas esferas há exatamente 10 anos. De nossas conversas nos idos de 1980, é impossível não lembrar da sua imensa humildade e da sua incomensurável esperança. Duas virtudes sem as quais quaisquer transformações para melhor das estruturas sociais minguem e morrem na praia ao sabor dos ímpetos sazonais dos governos. Os responsáveis pelo Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores, pelo que

nas, cabe perguntar se é tão difícil organizar projetos em torno de bibliotecas escolares como fontes primeiras de promoção da leitura nas escolas. Cabe perguntar, como já o fizera Manuel Bandeira: “Onde estão todos eles? Estão todos dormindo, estão todos deitados, dormindo, profundamente”.

É hora de acordar, é hora de acabar de vez com esse provisório eterno, chamado biblioteca escolar. O programa de Recife mostra que tem jeito sim, basta querer e organizar os meios disponíveis para tal. “Não quero mais saber da biblioteca que não seja libertação”.

*Professor colaborador voluntário da Faculdade de Educação da Unicamp, atuando junto ao Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita. Presidente da ALB – Associação de Leitura do Brasil (biênio 2007-2008). Secretário Municipal de Educação de Campinas, de 1994 a 1996.



O canto dentro das palavras

Para o poeta Manoel de Barros a linguagem é mais importante do que as idéias. E despraticar a norma é uma virtude em poesia

Manoel de Barros nasceu cuiabano, mas com um ano de idade já era pantaneiro. Seu pai comprara uma fazenda e ali Neco cresceu, entre o gado, a lida dos vaqueiros, a natureza exuberante do Pantanal e as “desimportâncias”. Conforme relata, “ali o que eu tinha era ver os movimentos, a atrapalhação das formigas, caramujos, lagartixas. Era o apogeu do chão e do pequeno.”

Depois de estudar em internato no Rio de Janeiro, onde se encantaria com Padre Vieira e Rimbaud, e de um ano em Nova York, onde estudaria cinema e artes plásticas, Manoel de Barros enfiou-se no Pantanal, em 1949, para tornar-se fazendeiro, sem deixar de publicar seus livros, que já passam de duas dezenas. Em 1969 recebeu o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal pela obra *Gramática expositiva do chão* e, em 1997, o *Livro sobre nada* recebeu o Prêmio Nestlé. No ano seguinte, receberia o Prêmio Cecília Meireles, concedido pelo Ministério da Cultura.

Quatro livros de Manoel de Barros fazem parte do acervo PNBE: *Poeminhas pescados numa fala de João* (Editora Bertrand Russel), *Memórias Inventadas para Crianças* (Editora Planeta), ambos de 2005; *Memórias Inventadas – A Segunda Infância* (Editora Planeta Jovem) e *Poemas Rupestres* (Editora Best Seller), ambos de 2006. Nesta entrevista, concedida a



a **Ricardo Prado e Maria José Nóbrega**, o poeta comenta suas melhores leituras, por escrito. Manoel de Barros não gosta de gravadores nem de computadores. Nem usa um deles para escrever sua obra. “Sou metido. Sempre acho que na ponta de meu lápis tem um nascimento.” E tem, como se verá.

Quando o Sr. começou a escrever poesia?

Pra não mentir eu acho que não sei. Com dez anos arreventou uma brotoeja. Com 12 anos outra. Com 13 outras. A data pode ser escolhida. Mas penso que escrever mesmo na fiúza de que fazia literatura foi aos 13 anos.

Manoel de Barros só foi reconhecido como um grande poeta depois dos 70 anos de idade, mesmo tendo publicado seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, em 1937.

Como é para um escritor esperar tanto tempo pelo reconhecimento de sua produção? O poeta precisa ser um pouco teimoso?

Publiquei meu primeiro livro aos 19 anos. Ninguém me viu, publiquei aos 22, aos 28, aos 70 e ninguém me viu. Me acostumei com o silêncio. Eu sou conformado como um sapo.

Só em 1999 é que o Sr. lançou livros para crianças: *Exercícios de ser criança*. Há diferença em escrever para adultos e para crianças?

Acho que a palavra tem que chegar ao grau de brincado para ser séria. Nesse primeiro livro infantil talvez eu tenha aproveitado melhor a inocência das palavras.

Que poetas ou escritores foram essenciais para a sua formação? Quais os livros que o Sr. gosta de reler?

Ainda no Colégio São José, interno, eu li toda a literatura quinhentista portuguesa. Ria muito com Gil Vicente e tive vontade de ser Gil Vicente. Depois me deram Vieira, Vieira lisonjeava as palavras mais que a sua doutrina. Até hoje gosto de ler os quinhentistas portugueses.

O poeta Ezra Pound afirma que há três grandes procedimentos básicos da linguagem poética: a que explora a música, a imagem e a idéia. O Sr. concorda com esta afirmação? Se sim, de quais procedimentos sua obra mais se aproxima?

Tenho em mim uma certeza. Esta: o que marca a eternidade de um artista é a sua linguagem e não as suas idéias. Não suprimo as idéias, mas acho que em poesia elas são acessório. Não são fundamentais. A imagem e a música são fundamentais. Poesia é armação de palavras com um canto dentro. A armação de palavras não seria para dar idéias, mas para transmitir um encantamento.

No soneto *A um poeta* (transcrito à pág. 16), Olavo Bilac refere-se ao trabalho do poeta de modo a sugerir uma penosa atividade de reescrita. O senhor também “trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua” cada poema? Reescreve-os muitas vezes?

Acho que todo artista leva essa dor. A busca da perfeição é uma dor incurável. Porque a perfeição foge sempre de quem a procura. Quando o artista pensa que atingiu o milagre estético, logo vai ver que não atingiu.

Como nasceu o amor pela poesia? A escola teve algum papel nisso?

Sabemos todos que poesia não se aprende na escola. Acho que é um dom que se vai mostrando devagar. Outros acham que poesia não é um dom – é uma disfunção cerebral. É consequência de um parafuso

a mais ou a menos na cabeça. Porque despraticar as normas é virtude em poesia.

Quais suas principais lembranças do período escolar? Houve algum(a) professor(a) decisivo para sua carreira?

Fui aluno interno do colégio São José do Rio de Janeiro. Havia lá um padre que ficou meu amigo e me mostrou e me indicou livros de literatura verdadeira, livros feitos com aplicação e vontade estética. Descobri meu gosto literário lendo tais livros.

Que conselhos daria a um professor que lhe perguntasse como despertar o gosto pela poesia em seus alunos?

Acredito no incentivo à leitura de bons livros. Não sei dar conselhos.

Na minha pequena cidade havia um personagem de rua que sempre repetia esta frase: “Quem não ouve conseio, conseio ouve ele”.

O Sr. já afirmou que se aproximou do escritor Guimarães Rosa como se se aproximasse de um mito. Foi sua influência literária mais marcante? O Sr. conseguira selecionar uma frase de Guimarães Rosa que gostaria de ter escrito?

Eu aprendera antes com Vieira que literatura é linguagem. Achei esse mistério no Rosa. Ele acrescentou esta frase na nossa conversa: “Escrever é renascer”. Fiquei com essa frase na minha vida.

O Sr. escreve regularmente, todos os dias? Tem alguma rotina para escrever?

Escrevo, leio, pesquiso palavras das 7 horas até 11 horas. Pode ser que escreva alguma coisa também.

O grande repositório de sua obra se encontra nas recordações de infância? Ou o que aconteceu ontem pode ser objeto de poesia também?

Tudo pode ser objeto de poesia, mas no meu caso as percepções da infância costumam entrar no poema e até comandar.

O Sr. disse ter gostado muito de receber, recentemente, o Prêmio Nestlé de Literatura “porque, além de dinheiro, terá uma edição

especial que será distribuída para bibliotecas e escolas em todo o país”. O Sr. costuma receber cartas ou outras manifestações de seus leitores?

Recebi alguns telegramas de amigos me cumprimentando pelo prêmio. Prezo muito o Prêmio Nestlé porque sei que a escolha do livro é feita por intelectuais da melhor qualidade.

O cenário e as gentes do Pantanal estão muito presentes na sua obra. Atualmente o Sr. reside em Campo Grande. Ainda mantém contato permanente com o ambiente pantaneiro ou dele se vale mais por memória? Dá pra imaginar um Manoel de Barros longe do Pantanal?

Não tenho mais freqüentado as terras e as águas do Pantanal. Mas

sei que as minhas palavras são nutridas e fertilizadas pelo chão, pelas águas e pela natureza pantaneira.

Que livros o Sr. pretende ler nos próximos meses?

Tenho lido muito pouco nestes últimos anos. Ando relendo mais. Já escrevi que o livro mais novo que tenho lido é o Velho Testamento.

A um poeta

Olavo Bilac

*Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!*

*Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço: e trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego*

*Não se mostre na fábrica o suplicio
Do mestre. E natural, o efeito agrade
Sem lembrar os andaimes do edifício:*

*Porque a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.*

Escrever poemas

Consulte as seções de jornais e revistas que divulgam a lista dos livros mais vendidos. Provavelmente, você não vai encontrar títulos de poesia. Parece que poucos lêem poemas. Mas quem não guarda algum poema em uma gaveta ou não se lembra de ter escrito poemas durante alguma fase da vida? Curioso, não é? Que tal dar uma mãozinha para encher a escola de poetas?

Por Maria José Nóbrega,
consultora pedagógica de Leituras



Me dá um mote

Há muitas trovas que começam com os mesmos versos. Tais versos funcionam como uma espécie de mote: cada poeta apanha o bastão e desenvolve-o à sua maneira. No cancionário popular, é possível encontrar muitos exemplos como o das duas trovas abaixo¹:

Quem quiser saber meu nome,
Dê uma volta no jardim;
Que meu nome está escrito,
Numa folha de jasmim.

Quem quiser saber meu nome,
Dê uma volta na campina;
Que meu nome está escrito,
No lencinho das meninas.

Leia mais esta agora:

Atirei um limão n'água,
De pesado foi ao fundo.
Os peixinhos exclamaram:
Viva Dom Pedro Segundo!

Para a conhecida trova, o poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema intitulado *Lira do amor romântico ou a eterna repetição*², criou vinte quadras todas elas começadas pelo verso "Atirei um limão n'água". Veja as quatro primeiras:

Atirei um limão n'água
e fiquei vendo na margem.
Os peixinhos responderam:
Quem tem amor tem coragem.

Atirei um limão n'água
e caiu enviesado.
Ouvi um peixe dizer:
Melhor é o beijo roubado.

Atirei um limão n'água,
como faço todo ano.
Senti que os peixes diziam:
Todo amor vive de engano.

Atirei um limão n'água,
como um vidro de perfume.
Em coro os peixes disseram:
Joga fora teu ciúme.

Como Drummond e tantos outros poetas anônimos, que tal entrar nessa ciranda e criar trovas? Como são apenas quatro versos, é uma boa forma de começar, não é?

1. NÓBREGA, Maria José e PAMPLONA, Rosane (orgs.) Diga um verso bem bonito. São Paulo: Moderna.

2. Para conhecer o poema na íntegra, visite o endereço <http://www.memoriaviva.com.br/drummond/index2.htm>

Criar poemas em parceria com o poeta

Há um outro jeito ainda de começar a escrever poesia que é produzir decalques de poemas já existentes. Como um quebra-cabeça que precisa ser montado, a atividade ganha contornos lúdicos, quase como uma brincadeira. Canções, poemas que exploram estilisticamente a repetição e o paralelismo sintático são os textos que mais se ajustam à tarefa.

Após a leitura de *Às vezes de noite*, a professora propôs às crianças que escrevessem um poema parecido com o de Caparelli, contando o que se passava com elas próprias à noite. Em seu poema, Felipe trata a noite como espaço de evasão e, quanto mais isso se

explicita no texto, mais leves ficam as estrofes e mais o menino se afasta do modelo e envolve-se num projeto de autoria.

Normalmente, as crianças elaboram bons textos quando desafiadas a produzir decalques de poemas, pois o fazem em boa companhia, com o autor do texto.

Criar poemas que contam histórias

Há na literatura universal uma larga tradição de poemas narrativos entre os quais se inscrevem *Ilíada* e *Odisséia*, atribuídas a Homero e *Os Lusíadas* de Camões. Poemas narrativos são também as fábulas que La Fontaine⁵ produziu em versos. E, é claro, a “literatura de cordel”.

Que tal se enroscar nos fios do cordel?

Para iniciar a turma na literatura de cordel, uma alternativa é adaptar contos ou fábulas conhecidos. Desobrigados de pensar no enredo, podem-se ocupar com os aspectos estilísticos. Antes de começar, explique como funciona o esquema de rimas na sextilha, usando as dicas de César Obeid⁶, cordelista e repentista.

Marque com “X” os versos ímpares, que não rimam.

Marque com “A” os versos pares, que são aqueles que rimam.

1. _____ X
2. _____ A
3. _____ X
4. _____ A
5. _____ X
6. _____ A

Às vezes de noite³

*Às vezes, de noite,
acordo com muito medo
de alguém roubar os meus
segredos,
às vezes, de noite.*

*Às vezes, de noite,
adormeço e no lume da vela
estou desperta e mais velha
às vezes, de noite.*

*Às vezes, de noite,
no meu sonho corre um rio
que me faz tremer de frio,
às vezes, de noite.*

*Às vezes, de noite,
me digo que sou boa, que sou
meiga e que sou bela.
E cresci. E estou cega.
Às vezes, de noite.*

Às vezes à noite⁴

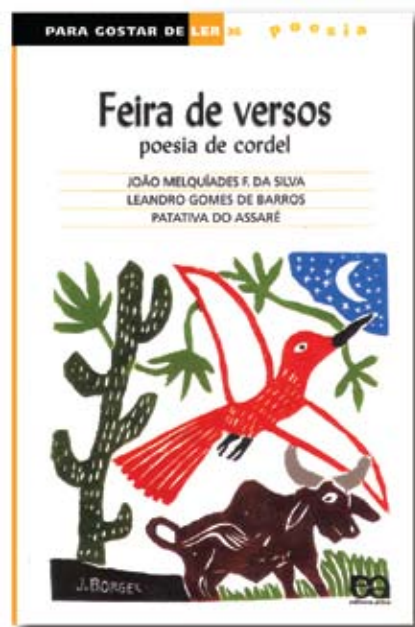
*Às vezes de noite,
sinto uma luz encostando em mim,
que eu tenho que acordar.
Para dizer que eu tenho que ficar
mais velho.*

*Às vezes de noite
Demora para a gente fazer
amizade com o dia.
E a noite não dá porque
ela é curta de mais.*

*Às vezes de noite
Dá uma sensação que a gente
está flutuando, voando
e a gente não sente nada.*

*Às vezes de noite
sinto que sou uma
pessoa livre de tudo*

*Às vezes de noite
Tenho a impressão que sou um
astronauta.*



3. O poema de Sérgio Caparelli integra a obra *Restos de Arco-Íris*. Porto Alegre, L & PM, 1997, p. 58.

4. Poema produzido a partir do original de Sérgio Caparelli pelo estudante Luís Felipe, à época cursando o 2º ano do Ensino Fundamental, em São Paulo. Ao transcrevê-lo, optamos por padronizar os desvios ortográficos.

5. LA FONTAINE (Trad. Ferreira Gullar) *Fábulas*, REVAN – PNBE/99.

6. OBEID, César. *Minhas rimas de cordel*. São Paulo: Moderna, 2005.

Escolha três rimas que se relacionem com o assunto. Por exemplo, se estou empenhado em adaptar a fábula *O lobo e o cordeiro*, na primeira estrofe vou precisar apresentar as personagens e a situação, então:

1. _____ X
2. _____ cordeiro A
3. _____ X
4. _____ matreiro A
5. _____ X
6. _____ grosseiro A

Aí é só criar os versos:

1. Vou contar para vocês X
2. A história de um cordeiro A
3. Que bebia água do rio, X
4. Quando um lobo matreiro, A
5. começou a lhe falar X
6. de um jeito muito grosseiro. A

Leia agora a adaptação em cordel da fábula *O Leão e o Ratinho* escrita pelos alunos do 4º ano do Ciclo I da professora Leninha Vieira da EMEF Mário Marques da Rede Municipal de São Paulo⁷:

O leão e o ratinho

Ao sair de um buraco,
Viú-se um pobre ratinho
Entre as patas de um leão
E ficou assustadinho.
– Não fique com medo, amigo.
Você é tão bonitinho!

Estava feroz e faminto
O grande rei da floresta,
Mas não fez mal ao ratinho.
Seu coração bate em festa.

Depressa o tempo passou
E veja o que aconteceu:
O leão foi preso na rede,
Mas o ratinho roeu.
O leão meio espantado
Sorrindo lhe agradeceu:
– Amor com amor se paga,
O ratinho respondeu.

Produzir haikais

O *haikai* é um pequeno poema de origem japonesa composto por apenas três versos: dois de cinco sílabas e um – o segundo – de sete sílabas. Leia este *haikai* de um importante poeta japonês chamado Issa (1763/1827)⁸:

*o pé do ipê
flor a folha despido
empertiga-se*

Muitos poetas brasileiros que se interessam pelo *haikai* não se preocupam com o número de sílabas e mantêm apenas os três versos da forma original. Leia este belo *haikai* de Alice Ruiz⁹:

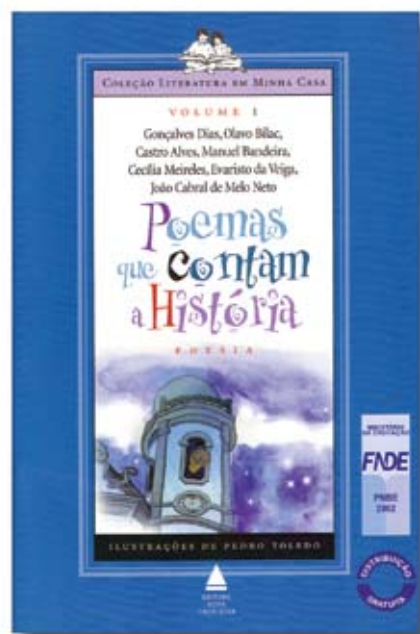
*sono profundo
coberta de neblina
minha cidade*

Bashô, que é considerado um dos melhores poetas do gênero, não só pela qualidade de seus poemas, mas também pela grande influência que exerceu em um grande número de discípulos, insistia para que eles seguissem rigorosamente as regras e, só depois de muito treino, permitia que transgredissem o modelo. Proponha à turma produzir *haikais* exatamente “como manda o figurino” do mestre.

Se você está achando tudo muito difícil, leia *haikais* que crianças do 3º ano, alunos da professora Mariá F. dos Santos, da EE Almt. Barroso, de São Paulo, produziram:

*O céu escuro.
Vejo uma estrela
cair de cansaço.
(Angélica)*

*Não posso contar
o segredo pra ela
...ela revela
(Márcio)*



Aproximando-se das palavras, descobrindo possibilidades de brincar com a linguagem, familiarizando-se com o jogo poético, muitas crianças e jovens vão se sentir estimulados a escrever mais e mais poemas. Finalizado o processo de produção, é hora de compartilhar o trabalho com outros leitores. Organizar uma pequena publicação com os textos criados ou produzir um sarau para que os estudantes recitem ou leiam poemas são opções clássicas.

Mas, se para os jovens poetas da chamada “geração mimeógrafo”, as impressões caseiras eram a forma que encontravam para se aproximar dos leitores, driblando as dificuldades que encontravam para publicar poesia, hoje muitos poetas mantêm *blogs*¹⁰ para divulgar sua produção artística. Não perca a oportunidade de aproximar poesia de tecnologia. Rimou! Deve ser um bom sinal, não é?

7. Publicado originalmente no Prove Livros 3. São Paulo, 2006.

8. ISSA (trad. Alice Ruiz) *Hai-kais*. São Paulo: Editora Olavobrás, 1987.

9. RUIZ, Alice. *Desorientais*. São Paulo: Iluminuras. PNBE 2006 / acervo 2

10. Você encontra dicas de como montar um *blog* nos endereços:

http://blog.uol.com.br/stc/passeio_virtual_1_1.html, <http://blog.ig.com.br/faq.php>, <http://www.blogger.com/>

Um casamento perfeito

Palavras e imagens:
quando uma vibra
no tom da outra,
nasce o livro ilustrado,
fundamental no processo
de envolvimento da
criança com a leitura



Estudo de Odilon Moraes para personagem do conto *O homem que sabia japonês*, de Lima Barreto (Editora Cosac & Naif)

Por Maria Lígia Pagenotto

No início, havia só palavras. A partir delas nasceram desenhos, que não apenas complementaram o texto, mas contaram eles próprios a narrativa, do seu jeito. Juntos, um na frente do outro, sobrepostos – palavras e desenhos deram origem a um terceiro elemento, o livro ilustrado. É assim que Odilon Moraes, 41 anos, ilustrador de mais de 60 livros, a maioria obras dirigidas ao público infantil, conta como é seu processo de criação e a idéia que gosta de passar a respeito de seu trabalho. Em seu ofício, diz, letras e desenhos andam tão juntos que é impossível explicar como nasce um livro com ilustrações de outra forma. “Nem palavra, nem imagem – para mim, o livro ilustrado é a junção dessas duas coisas”, afirma.

A mineira Angela-Lago, outra ilustradora de renome, acha que é exatamente assim, como Odilon definiu seu trabalho, que a criança enxerga o livro destinado a ela.

“A gente esquece que aprende a ler antes mesmo de se alfabetizar. O menino ou menina, desde pequeno, ao folhear seus primeiros livros, aprende a reconhecer signos. Ele descobre dessa forma que o mundo pode ser representado e lido. “Aos poucos, já maior”, prossegue Angela, “a criança estará apta a compreender a estrutura de um livro. “Por isso é que oferecendo livros

aos pequenos contribuímos para formar leitores. E esse trabalho junto à criança pode e deve ser feito desde a mais tenra infância, mesmo antes dela se alfabetizar formalmente”, ressalta a ilustradora.

Para tanto é preciso tirar os livros das prateleiras e deixar que eles sejam manuseados à vontade pelos pequenos. “Virando as páginas dos livros elas vão aprender como uma história se desenvolve”.

Para Angela-Lago, “a ilustração é a grande sedutora do jogo amoroso da leitura”. Vai ser o desenho que certamente provocará o primeiro olhar e levará a criança a se interessar pelo livro. Passada essa fase inicial do namoro, diz, “não há mais papel definido para o texto ou para a ilustração. O que existe são diferentes possibilidades, sem limitações. Tanto a ilustração pode narrar como o texto pode ilustrar”, acredita.

Contando histórias

Segundo Odilon, é nesse processo de aprendizagem descrito por Angela que, involuntariamente, a criança comprova o que ele tanto gosta de dizer a respeito de seu trabalho: o ilustrador é um contador de histórias, um narrador. Em suas andanças pelo país dando cursos e palestras, é assim que ele prefere se definir. “A ilustração nasce da tentativa de narrar uma história.”

A criança logo percebe que no jogo de formas e cores de um livro ilustrado há uma sequência a ser seguida. Ela tende a se orientar por essa ordem ao ler as imagens, mesmo sem ter noção nenhuma do que seja o sentido alfabético.

“Na medida em que as imagens sejam capazes de narrar uma história, a sequência de desenhos ao longo das páginas ganhará um significado para a criança”, explica a ilustradora.

A artista plástica e professora Stela Barbieri – que atua também como contadora de histórias – vê o livro ilustrado sob este mesmo olhar. “Quando alguém abre um livro com ilustrações para contar uma história tem, necessariamente, de se pautar pelo desenho, pelas cores utilizadas, pelas texturas”, argumenta a artista.

Angela-Lago, escritora e ilustradora: “Virando as páginas de um livro as crianças vão aprender como uma história se desenvolve”



Odilon sabe que da sua mão e imaginação dependem a entonação que o contador dará à voz, por exemplo. Ele, sem dúvida, dará um tratamento às palavras de acordo com o que vê na página do livro. “Se o desenhista colocou cores alegres, se ela está bem iluminada, a interpretação do contador, o tom imposto à narrativa, irá por esse caminho. Ou por outro, se o visual estiver mais sombrio”, exemplifica.

A ilustração na sala de aula

Para Stela, que trabalha com formação de professores de literatura e artes plásticas, a ilustração nem sempre é imprescindível num texto – mas, quando está presente, sem dúvida é um elemento importante, que deve ser levado em consideração, especialmente porque acrescenta novos rumos ao material escrito.

“Ao receber os livros que irá trabalhar com as crianças na sala de aula, o professor deve se deter sobre eles com dedicação”, afirma a artista. Ela insiste que o livro existe para ser apreciado, degustado com prazer.

Uma prática muito comum nas escolas do país é o professor ler um texto e propor ao estudante que faça uma ilustração em cima do que ouviu. Stela acha uma proposta interessante, mas recomenda que não seja colocada na sala de aula de forma aleatória, sem nenhuma reflexão. “O livro é uma obra de arte, um casamento entre texto e imagem. Não pode ser tratado com desdém”, recomenda Stela. Para que o aluno saiba se expressar artisticamente, o professor tem de lhe oferecer subsídios, nos mais variados tipos de materiais, como os próprios livros, visita a museus e exposições de arte e fotografia etc.

Pesquisar como as pessoas se vestiam e como era o Rio de Janeiro no início do século XX foi o ponto de partida do trabalho de Odilon Moraes ao ilustrar *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto



“Muitas escolas reclamam que não dispõem de variedade de material. Acho isso relativo, porque dá para fazer trabalhos belíssimos só com lápis e papel.” O grande desafio do professor, diz Stela, está em fazer com que o aluno desenvolva sua capacidade de se expressar. E isso pode ser feito de muitos jeitos – compartilhando histórias, brincando com o corpo, com areia ou com tintas e pincéis.

Odilon Moraes também acha que, de certa forma, as imagens são relegadas ao segundo plano no processo de aquisição do conhecimento da criança.

“Digo sempre que o professor não pode falar do texto depois da imagem. Ele tem de falar como o texto e a imagem se comunicam para contar aquela história. Há um jogo de tensão entre as duas linguagens, é preciso explorar isso.”

Noção do todo

“Uma forma de dar à ilustração tanta importância quanto as palavras costumam ter é ressaltar que cada vez mais o autor do texto e o ilustrador andam juntos no processo de elaboração do livro infantil”, diz Stela. “Ambos são autores”, lembra. “O professor deve mostrar isso nos livros, dar os créditos, valorizar o trabalho do desenhista”.

Com Fernando Vilela, por exemplo, Stela escreveu *A menina do fio* (Editora Girafinha), e na capa da obra não há distinção entre escritor e desenhista. “O Fernando fez os desenhos, mas assinamos juntos. Essa é uma tendência atual, porque a ilustração, sem dúvida, pode trazer novos caminhos para o texto”.

Ambos, aliás, não devem nunca perder de vista que o seu trabalho será transformado em livro e





Cena de Rua, livro sem texto de Angela-Lago que faz parte do acervo PNBE/2005: narrativa pela sucessão de imagens

isso inclui também não desprezar o trabalho gráfico. “Não dá mais para simplesmente pensar um desenho em cima de um texto. Ilustrar é cada vez menos fazer isso”, observa Odilon. “Há que se ter a noção do todo”.

Vibração no mesmo tom

Para ser um bom ilustrador é preciso, primeiro, ser um bom leitor. Sim, o trabalho do ilustrador começa na leitura do texto. Sintonia com o que o autor escreveu é importante – e ela tanto pode ser imediata como buscada. Mas não ter essa empatia não necessariamente coloca tudo a perder: uma situação como essa pode se tornar um grande desafio. Odilon Moraes encara assim o dia-a-dia de sua profissão.

“Para começar digo que um ilustrador tem de gostar de ler, senão é melhor ele mudar de área. Ler e reler são fundamentais dentro do processo de criação, pois, para uma ilustração casar com o texto, o desenhista tem de encontrar uma imagem que vibre no mesmo tom da palavra. E isso pode acontecer rapidamente ou demorar muito.”

Ao escrever *Histórias à Brasileira*, com Ana Maria Machado (Companhia das Letrinhas), a sintonia foi

imediate – o livro trata de narrativas que Odilon ouvia de sua avó quando era criança.

Quando foi convidado a ilustrar o livro *O homem que sabia japonês* (Cosac & Naify), de Lima Barreto, a sintonia teve de ser buscada. “Não foi fácil a princípio”, diz Odilon. Destinado ao público adolescente e adulto, o livro foi produzido com base em muita pesquisa histórica. O texto original data de 1911 e se passa no Rio de Janeiro. “Na época em que eu estava fazendo o trabalho fiz uma viagem à cidade e visitei os seus pontos mais antigos. Lá encontrei um pouco da inspiração de que precisava. Também fui atrás de fotos da época, li como era a vida naquele começo de século e pesquisei não só como as pessoas se vestiam mas, também, seus aspectos psicológicos”, revela.

Odilon costuma fazer vários esboços, até chegar ao desenho final. Geralmente com aquarela, usando preto, branco e as cores primárias. Suas ilustrações são sempre feitas manualmente, sem auxílio de tecnologia.

Já Angela-Lago mescla as duas possibilidades. Ela diz que o uso do computador tem lhe ajudado a redescobrir sua prancheta. “Depois de certo tempo piscando diante da tela, fico com uma saudade enorme dos lápis e pincéis convencionais, e voltar para eles vira

uma festa. A primeira idéia que me ocorreu diante de um computador foi a de misturar texto e desenho e tentar diluir as barreiras entre essas formas de escrituras. Como em uma carta enigmática, resolvi substituir palavras por desenhos e, como em alguns poemas barrocos e concretos, compor o texto de maneira que sua diagramação fosse lida ocasionalmente como desenho. A segunda idéia foi a de aproveitar a possibilidade de escanear imagens em vez de começar da tela em branco. Afinal, o computador é antes de tudo um banco de dados, uma memória.”

Ao produzir, a ilustradora diz que sempre leva em conta não só a bidimensionalidade do desenho, mas o volume formado pelas páginas. “Tenho que pensar o livro como um objeto que pressupõe um movimento. Estudar esse movimento, que acontece com a passagem das folhas, vem me ocupando há algum tempo.”

Quando trabalha em cima do texto de outro autor, que já chega pronto, a postura de Angela-Lago é resumida nestas frases: “Estou sujeita a ele. Devo servi-lo humildemente”. Mas tanto ela quanto Odilon Moraes são ilustradores que também fazem textos. Odilon é o único autor dos livros *Pedro e Lua* (Cosac & Naify) e *A princesinha medrosa* (Companhia das Letrinhas), embora diga que ambas as obras foram produzidas quase que “espontaneamente”. As duas histórias, revela, têm a ver com reflexões feitas ao longo de sua vida. Dando cor às palavras, os ilustradores fazem com que o texto escrito encontre na linguagem visual um reflexo da narrativa. Assim, se tornam, de certa forma, co-autores das histórias que ajudam a contar. Isso quando não dão conta completa do recado, criando texto e imagens que já nascem juntos na obra. Ou apenas imagens. Para alegria dos nossos olhos e mentes. E prazer de nosso cérebro, onde acontece o casamento perfeito entre traço e texto.

Algumas obras de Odilon Moraes:

- *A força da vida*, de Giselda Laporta Nicolelis (Editora Moderna),
- *Frankenstein*, de Ruy Castro (Companhia das Letrinhas),
- *Na rua do sabão*, de Manuel Bandeira (Global Editora),
- *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto (Editora Cosac & Naify),
- *Por que o céu chora*, de Gilda Aquino (Editora Brinque-Book).

Algumas obras de Angela-Lago:

- *A banguelinha* (Editora Moderna),
- *A festa no céu* (Editora Melhoramentos),
- *Cena de rua* (Editora RHJ),
- *Charadas macabras* (Editora Formato),
- *De morte* (Editora RHJ),
- *Indo não sei aonde buscar não sei o quê* (Editora RHJ),
- *João Felizardo, o rei dos negócios* (Cosac & Naify),
- *O bicho folharal* (Editora Rocco),
- *Sete histórias para sacudir o esqueleto* (Companhia das Letrinhas),
- *Um ano novo danado de bom* (Editora Moderna).

Ângela também ilustrou obras de outros autores: Ferreira Gullar (*Um gato chamado gatinho*, Editora Salamandra), Wander Piroli (*Os dois irmãos*, Editora Comunicação), José Paulo Paes (*A revolta das palavras*, Companhia das Letrinhas), André Carvalho (*Dourado*, Editora Lê), Mauro Martins (*Juca Motorzinho*, Editora Rocco).





“Uma posição especial de alma”

Como um ator ensaia para emprestar seu corpo, sua voz aos personagens, assim também nós, professores, devemos preparar cuidadosamente a leitura em voz alta

Por Maria José Nóbrega,
consultora pedagógica de LeituraS

Harold Bloom, um dos críticos mais respeitados da atualidade, em seu livro *Como e por que ler* (Editora Objetiva), afirma que o primeiro princípio relativo à leitura de um poema é o de que essa deva ser minuciosa: *o verdadeiro critério de identificação de um bom poema é o fato de o mesmo “sobreviver” a uma leitura minuciosa* (p.67). Na mesma obra afirma, que “a releitura, concentrada e em silêncio, de um poema breve que nos toque, deve ser seguida de recitação, para a própria pessoa, até que se dê a constatação de que os versos estão fixos em nossa memória”.

A leitura em voz alta faz vibrar a musicalidade do poema, a melodia das palavras toca nossa sensibilidade e pode despertar outras dimensões que tenham ficado adormecidas durante a leitura silenciosa.

Confrontar o que nos sensibilizou na leitura silenciosa com os outros sentidos evocados pela leitura em voz alta é uma forma singela de nos aproximarmos das palavras. Quer experimentar? Leia silenciosamente o poema “Belo Belo”, de Manuel Bandeira, buscando apreender seu sentido global. Depois leia-o em voz alta quantas vezes achar necessário, ou até imprimi-lo na memória, como sugere Bloom. Alguma coisa mudou em sua percepção inicial?



Belo Belo

*Belo belo minha bela
Tenho tudo que não quero
Não tenho nada que quero
Não quero óculos nem tosse
Nem obrigação de voto
Quero quero
Quero a solidão dos píncaros
A água da fonte escondida
A rosa que floresceu
Sobre a escharpa inacessível
A luz da primeira estrela
Piscando no lusco-fusco
Quero quero
Quero dar a volta ao mundo
Só num navio de vela
Quero rever Pernambuco
Quero ver Bagdá e Cusco
Quero quero
Quero o moreno de Estela
Quero a brancura de Elisa
Quero a saliva de Bela
Quero as sardas de Adalgisa
Quero quero tanta coisa
Belo belo
Mas basta de lero-lero
Vida nove fora zero.*

Também a respeito da leitura de poemas, Rubem Alves afirma em uma de suas crônicas do livro *Quarto de Badulaques*: “Não basta saber ler para ler poesia. Ler poesia é uma arte. Exige que o leitor se coloque numa posição especial de alma. O segredo da poesia está na música da leitura. Mais do que uma arte: é um ato de bruxedo. O leitor invoca um mistério que se encontra nos interstícios das palavras do poeta. Essas palavras estão dentro dele mesmo. O poema faz-me ouvir um poema que está dentro de mim. Esse poema que está dentro de mim é um pedaço de mim.”

Ler poemas é uma experiência muito diferente de ler uma notícia de jornal, um artigo científico ou um capítulo do livro didático. A subjetividade do leitor tem um papel muito relevante na leitura desse gênero. Assim, prestar atenção às reações que cada poema suscita em nós durante a leitura é muito importante.

Poesia em sala de aula

1. Leia (ou recite) poemas para a turma

Leitores que lêem com pouca fluência dependem da leitura em voz alta do professor para descobrir os poemas que estão dentro deles. Brinde os estudantes com a leitura de poemas e eles aprenderão a apreciá-los com você.

Mas lembre-se do que disse Rubem Alves, trata-se de uma arte. Como um ator ensaia para emprestar seu corpo, sua voz aos personagens, assim também nós, professores, devemos preparar cuidadosamente a leitura em voz alta. Ao escutar nossa própria voz, é como se ouvíssemos outras vozes, que sugerem possibilidades: um tom diferente para essa passagem, maior velocidade para aquela outra, ênfase em certa palavra etc.



2. Ensine a turma a ler poemas em voz alta

Além de ler poemas, é importante que nos empenhemos em ensiná-los a ler poemas em voz alta. Comece propondo uma leitura simples, em que as pausas sejam orientadas pelo sentido e pela sintaxe. Por exemplo, há um trecho do poema “Belo Belo” no qual o poeta diz que quer quatro coisas: a solidão, a água, a rosa, a luz que, exigente, ele se encarrega de especificar. Uma leitura que desse igual peso a todos os versos acabaria não sugerindo que *sobre a escarpa inacessível* é o lugar onde floresceu a rosa que ele quer; nem que *piscando no lusco-fusco* especifica o momento em que deseja a *luz da primeira estrela*. Uma boa leitura estabeleceria essas duas conexões.

Aos poucos, estimule-os a realizarem leituras mais expressivas que levem em conta, além dos aspectos já citados, os versos, as rimas e outros recursos estilísticos empregados pelo poeta. Por exemplo, os versos “Belo belo” e “Quero quero” funcionam como uma espécie de refrão que isola segmentos temáticos que podem ser valorizados na leitura. Vejamos:

Belo belo minha bela Tenho tudo que não quero Não tenho nada que quero Não quero óculos nem tosse Nem obrigação de voto	Ironicamente, o poeta relaciona tudo aquilo que tem, mas que não queria ter. Se a leitura brincasse com a repetição da palavra “quero”, contrapondo-a às palavras de sentido negativo (não, nada, nem), ficaria bem interessante.
Quero quero Quero a solidão dos píncaros A água da fonte escondida A rosa que floresceu Sobre a escarpa inacessível A luz da primeira estrela Piscando no lusco-fusco	A solidão, a água, a rosa, a luz até poderiam ser tangíveis não fosse o modo inacessível com que são caracterizadas. Nesses versos há pouca repetição, o ritmo é diferente das outras seqüências, o tom é mais lírico.
Quero quero Quero dar a volta ao mundo Só num navio de vela Quero rever Pernambuco Quero ver Bagdá e Cusco	Em relação ao trecho anterior, o tema é bem mais concreto: viagens. Repare como a partir daqui se intensifica a repetição da palavra “quero”. Imprimir um tom progressivamente mais entusiasmado pode ser uma boa solução.
Quero quero Quero o moreno de Estela Quero a brancura de Elisa Quero a saliva de Bela Quero as sardas de Adalgisa	O tema nessa passagem é o desejo amoroso: que se fragmenta metonimicamente em traços das várias mulheres. Note como o paralelismo sintático provocado pela anáfora (a repetição de uma mesma palavra no início do verso) e a rima marcam esses versos. É preciso cuidar para não uniformizar a leitura e fazer desaparecer a singularidade de Estela, Elisa, Bela e Adalgisa.
Quero quero tanta coisa	Esse verso deve ser lido com um peso diferente, já que sintetiza tudo o que o eu-lírico deseja, mas, como os versos finais são atravessados por um pessimismo irônico, uma leitura mais lenta e ingênua pode acentuar o contraste.
Belo belo Mas basta de lero-lero Vida nove fora zero*	Agora é só caprichar no maravilhoso desfecho, talvez acentuando a rima “lero-lero” e “zero” que aproxima as duas palavras também pelo sentido: conversa fiada, conversa mole com a nulidade do zero.

*Prova dos nove (ou nove fora) é um teste de validade para o cálculo manual de somas, subtrações, divisões e multiplicações de números inteiros. http://pt.wikipedia.org/wiki/Prova_dos_nove

3. Ensine a ver poemas visuais

Há poemas em que o poético não se evidencia pelo encadeamento linear dos versos, mas pelo jogo com a linguagem que se concretiza na justaposição de palavras na página, na materialidade das próprias palavras que se fragmentam e se recompõem. O verso tradicional dá lugar a uma linguagem sintética, dinâmica e o poema transforma-se em objeto visual que pede, simultaneamente, para ser lido e visto. Vejamos este poema de José Paulo Paes.



Elegia holandesa*

José Paulo Paes

água mole pedradura
 água a mole pedradura
 água a gle pedradura
 água a gue pedradura
 água a gu a pedradura
 água a gua a e dradura
 água a gua a g dradura
 água a gua a g uradura
 água a gua a gua aadura
 água a gua a gua a aadura
 água a gua a gua a gura
 água a gua a gua a gura
 água a gua a gua a gura
 água a gua a gua a gura
 água a gua a gua a gura
 água a gua a gua a gura

Um jovem poderia fazer o seguinte comentário: *Que estranho! O cara só repetiu um pedaço do provérbio “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”!* Transformando o pequeno comentário do jovem em uma pergunta, seria possível retornar a questão aos alunos: *Por que o poeta só usou metade do provérbio?*

José Paulo Paes, já no primeiro verso, introduz duas modificações à primeira parte do provérbio: corta a preposição “em” e elimina a segmentação entre as palavras: água mole pedradura. Mas, a partir do segundo verso, provoca uma verdadeira erosão no provérbio: a cada verso, as palavras – mole, pedra e dura – perdem letras para dar lugar às letras que fazem parte da palavra “água”.

água mole pedradura
 água a mole pedradura
 água a gle pedradura
 água a gue pedradura
 água a gu a pedradura
 água a gua a e dradura
 água a gua a g dradura
 água a gua a g uradura
 água a gua a gua aadura
 água a gua a gua a aadura
 água a gua a gua a gura
 água a gua a gua a gura
 água a gua a gua a gura
 água a gua a gua a gura
 água a gua a gua a gura
 água a gua a gua a gura

Sinteticamente e de maneira figurada, os provérbios expressam crenças e valores de um determinado grupo social. O poeta, mais sinteticamente ainda, mostra como a “água” pode se infiltrar e dissolver a dureza das pedras, isto é, a água *tanto bate até que fura*. Que sacada, não?

Um outro jovem poderia ter escrito um comentário diferente: *“Esse poeta ‘viajou’: o nome não tem nada a ver.”* Transformando-o novamente em questão: Por que o poema tem esse título?

Responder a essa questão exige pesquisa. Começamos por elegia. É um tipo de poema lírico inspirado por algum acontecimento triste. É um gênero de poema melancólico, nostálgico. Se considerarmos que a infiltração da água tenha provocado algum tipo de inundação, poderia ser este o acontecimento triste. E holandesa? Para estabelecer a relação do adjetivo com o poema, importa saber que quase metade da Holanda fica abaixo do nível do mar e que, desde a Idade Média, seus habitantes lutam para impedir o avanço das águas do Mar do Norte com um complexo sistema de diques, aterros e canais. Ao subtrair letras das palavras, ao sugerir no título a longa luta do povo holandês contra o avanço das águas, o poema provoca um deslocamento de sentido e faz com que o leitor abandone o sentido figurado, mas automatizado do provérbio, para retomar o sentido primeiro das palavras “água” e “pedra”. E é assim que um lugar-comum se transforma em um poema incomum.

*Extraído de: A poesia está morta mas juro que não fui eu. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
 Disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/jpaulo.html>

Manoel de Barros

Brincadeiras

No quintal a gente gostava de brincar com palavras
mais do que de bicicleta.
Principalmente porque ninguém possuía bicicleta.
A gente brincava de palavras descomparadas. Tipo assim:
O céu tem três letras
O sol tem três letras
O inseto é maior.
O que parecia um despropósito
Para nós não era despropósito.
Porque o inseto tem seis letras e o sol só tem três
Logo o inseto é maior. (Aqui entrava a lógica?)
Meu irmão que era estudado falou quê lógica quê nada
Isso é um sofisma. A gente boiou no sofisma.
Ele disse que sofisma é risco n'água. Entendemos tudo.
Depois Cipriano falou:
Mais alto do que eu só Deus e os passarinhos.
A dúvida era saber se Deus também avoava
Ou se Ele está em toda parte como a mãe ensinava.
Cipriano era um indiozinho guató que aparecia no
quintal, nosso amigo. Ele obedecia a desordem.
Nisso apareceu meu avô.
Ele estava diferente e até jovial.
Contou-nos que tinha trocado o Ocaso dele por duas andorinhas.
A gente ficou admirado daquela troca.
Mas não chegamos a ver as andorinhas.
Outro dia a gente destampamos a cabeça de Cipriano.
Lá dentro só tinha árvore árvore árvore
Nenhuma idéia sequer.
Falaram que ele tinha predominâncias vegetais do que platônicas.
Isso era.

Memórias Inventadas para Crianças

Manoel de Barros

Ed. Planeta do Brasil, PNBE/2005, Acervo 13



O que matemática tem a ver com leitura?

Por Maria da Conceição Ferreira*

Assim como na maior parte das avaliações internacionais de práticas e condições de leitura de uma população ou de grupos sociais, também na composição da pesquisa do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) foram introduzidos instrumentos para aferir habilidades matemáticas de uso cotidiano dos jovens e adultos brasileiros. A preocupação com tais habilidades sugere uma compreensão mais ampla das demandas e das oportunidades com que se defrontam os que vivem em sociedades regidas pela cultura escrita. Os resultados de pesquisas como a do INAF nos ajudam a conhecer melhor as possibilidades e os desafios da população na mobilização de conceitos, procedimentos e critérios matemáticos para a compreensão do mundo em que vive e para a resolução de seus problemas. A análise desses resultados pode produzir, ainda, indicações importantes para orientar um trabalho pedagógico voltado para a ampliação das práticas e das condições de letramento dos estudantes.

Por que avaliar habilidades matemáticas em uma pesquisa sobre alfabetismo? O que tem a ver Matemática com o letramento?

Informações sobre o índice de analfabetismo da população que se restringem à apuração de quantas pessoas são capazes de “ler e escrever um bilhete simples”, embora relevantes, são insuficientes. Com efeito, as práticas de leitura demandadas pelas sociedades que se pautam na cultura escrita são muito mais amplas, diversificadas e complexas do que um “bilhete simples”. Por isso, tornou-se necessário investigar com mais cuidado o fenômeno do *alfabetismo*, para que se pudesse conhecer um pouco melhor as condições e os recursos de que as pessoas dispõem para enfrentar as demandas de seu cotidiano e identificar contribuições que a escola poderia prestar para a democratização das relações da população com o mundo da escrita.

É nessa perspectiva que o Instituto Paulo Montenegro e a Ação Educativa realizam, desde 2001, uma pesquisa anual para a construção do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, o Inaf. Não se trata, entretanto, de uma pesquisa escolar como o Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) ou o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). A pesquisa do Inaf é realizada por entrevistadores do Ibope, que se dirigem aos domicílios dos sujeitos (de uma amostra representativa da população brasileira na faixa etária entre 15 e 64 anos, composta de 2.000 pessoas, estudantes ou não) para aplicar oralmente um questionário e um teste.

Nos anos ímpares, o teste contém tarefas relacionadas a contextos e objetivos práticos de leitura e escrita, provocadas por uma revista de variedades criada especialmente para esta pesquisa. As perguntas do questionário, por sua vez, visam compor o histórico familiar e educacional dos respondentes, e realizar um levantamento relativamente amplo de suas condições de acesso e uso de diversos bens materiais e culturais e de suas práticas de leitura e escrita.

Nos anos pares, entretanto, o teste propõe aos entrevistados tarefas que simulam situações da vida cotidiana em que os sujeitos se vêem obrigados a mobilizar *habilidades matemáticas*, tais como leitura e escrita de números e de outras representações matemáticas de uso social freqüente (gráficos, tabelas, escalas etc.), ou como a análise ou a solução de si-



tuações-problema envolvendo operações aritméticas simples (adição, subtração, multiplicação e divisão), raciocínio proporcional, cálculo de porcentagem, medidas de tempo, massa, comprimento e área.

Essas situações de leitura, análise e cálculo são propostas oralmente pelo entrevistador, que recorre, ainda, à manipulação de suportes conhecidos da população em geral, tais como calendário, cédulas e moedas, folhetos de propaganda, jornal, mapa e aparelhos simples de medida (relógio, fita métrica, régua).

A resposta produzida pelo entrevistado é também comunicada oralmente ou mesmo utilizando recursos gestuais (apontar, por exemplo); uma única questão exige uma produção escrita (anotar o número de um telefone). O entrevistado pode, entretanto, na execução das tarefas, lançar mão de recursos como lápis e papel e calculadora, que ficam à sua disposição durante a entrevista.

Também no questionário que é aplicado nas edições do Inaf que contemplam as habilidades matemáticas foram acrescentadas algumas questões relativas às oportunidades e demandas de utilização de conceitos, procedimentos e mídias mais relacionados à matemática.

Por trás da decisão de incluir uma avaliação de habilidades matemáticas num indicador voltado para o letramento, está a consciência de que os modos de produzir, organizar, registrar e avaliar o conhe-



Ablestock

cimento, nas sociedades grafocêntricas, são regidos por critérios estreitamente relacionados à quantificação, à ordenação, à mensuração e à classificação, que, assim, permeiam os textos e as práticas de leitura com os quais a maior parte das pessoas se envolve cotidianamente.

Nesse sentido, as condições de letramento incorporam o que se tem chamado de condições de *numeramento*¹, que se volta para as práticas sociais que mobilizam conhecimentos associados aos números, às medidas, ao espaço e às formas, e às representações por meio de gráficos, tabelas ou diagramas.

O brasileiro é “bom de matemática”?

Os resultados do Inaf-habilidades matemáticas devem ser analisados pelo que revelam das condições de que o sujeito dispõe para compreender e/ou resolver situações do dia-a-dia, e não como uma avaliação de competências relacionadas à matemática escolar.

Estamos acostumados a ouvir pessoas dizerem, até sem muito constrangimento, que “não sabem nada de matemática”. Essa declaração, em geral, não corresponde exatamente à verdade; está menos relacionada às atividades que a pessoa desenvolve no seu dia-a-

dia do que a uma dificuldade com a formalização da Matemática que se ensina na escola e ao insucesso nas avaliações dessa disciplina – que pode levar muitas pessoas a evitarem se dedicar a tarefas de cálculo que se aproximem daqueles conhecimentos escolares. Os resultados do Inaf, entretanto, apontam um índice de 2% para o “analfabetismo matemático” da população brasileira com idade entre 15 e 64 anos, o que poderia parecer relativamente pequeno se comparado ao folclore sobre a incompetência em Matemática instalado no discurso de tanta gente. Mas se pensarmos que esse grupo reúne pessoas que não demonstram dominar sequer habilidades matemáticas mais simples, como ler o preço de um produto numa propaganda ou anotar um número de telefone ditado por alguém, esse índice pode se revelar alarmante, considerando a situação de exclusão a que a incapacidade de sequer ler um número condena milhares de pessoas neste país.

Há ainda outros 29% que apresentam um nível de habilidade matemática bastante elementar, mas dos quais não se pode dizer que não saibam “nada de matemática”: são capazes de ler números de uso freqüente em contextos específicos (preços, horários, números de telefone, instrumentos de medida simples, calendários), mas encontram muitas dificuldades em resolver problemas envolvendo cálculos, em identificar relações de proporcionalidade ou em compreender relações métricas ou representações matemáticas como tabelas ou gráficos.

A tomar pelos resultados do INAF, a maior parte dos brasileiros jovens e adultos (46%) já demonstra dominar completamente a leitura dos números naturais, independente da ordem de grandeza, são capazes de ler e comparar números decimais que se referem a preços, contar dinheiro e “fazer” troco. Também são capazes de resolver situações que envolvem operações (de adição, subtração, multiplicação e divisão), mas só aquelas em que um único cálculo é necessário. Esse grupo consegue identificar a existência de relações de proporcionalidade direta (entre preço e qualidade de produtos, por exemplo) e de proporcionalidade inversa (como entre o número de prestações e o valor da prestação), mas ainda apresenta dificuldades na resolução de problemas que envolvem cálculos com essas relações.

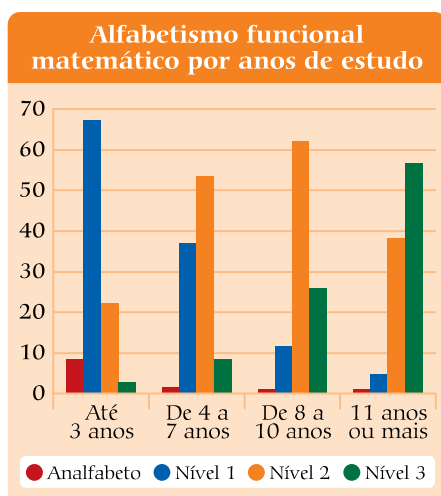
Desse modo, os resultados do Inaf 2004 indicam que apenas 23% da população jovem e adulta brasileira é

1. O termo numeramento tem sido utilizado em diversos trabalhos, com conotações variadas, mas sempre remetendo à abordagem de práticas e conhecimentos matemáticos relacionados a práticas sociais. A pluralidade do numeramento reflete a diversidade de práticas sociais que envolvem quantificação, medição, ordenação e classificação em contextos específicos, estreitamente ligados aos valores socioculturais que permeiam essas práticas.

capaz de adotar e controlar uma estratégia na resolução de um problema que envolva a execução de uma série de operações, inclusive cálculo proporcional. É ainda mais preocupante a revelação de que, somente nesse grupo, encontram-se os sujeitos que demonstram certa familiaridade com medidas usuais de comprimento, área, massa e capacidade e com representações gráficas como mapas, tabelas e gráficos.

O papel da escola

Se os resultados do Inaf revelam que a escolaridade é a variável que mais influencia o desempenho dos sujeitos no teste, não se pode, porém, deixar de identificar certos desvios na relação entre a escola e a constituição de leitores – e, em especial, em relação à capacidade de seus alunos de mobilizar conceitos e procedimentos matemáticos para apreciar e compreender o mundo e resolver os problemas que a vida em sociedade lhes propõe.



Se as distribuições da população pelos diversos níveis de “alfabetismo matemático” melhora à medida que aumenta o tempo de escolaridade dos sujeitos, ainda se flagram, todavia, porcentagens nada desprezíveis de “alfabetismo matemático” apenas elementar, mesmo entre pessoas com 8 anos ou mais de escolaridade.

A identificação das questões com os menores índices de acerto sugere, entre-

tanto, não uma dificuldade para calcular, mas para se elaborarem estratégias e se organizar e controlar um plano de execução dos procedimentos para resolver os problemas. Configuram-se como desafios também as tarefas que supõem certa intimidade com modos de organizar e divulgar informações, hoje frequentemente utilizados nos meios de comunicação de massa, como gráficos, tabelas, índices e dados percentuais.

Essas dificuldades devem ser tomadas como alertas pela escola sobre a necessidade de se desviar o foco de uma abordagem ainda excessivamente preocupada com as técnicas de cálculo, para a construção de espaços de discussão de estratégias diversas de resolução de problemas que, contemplando questões do cotidiano – não como um reducionismo, mas justamente em sua complexidade e multiplicidade de fatores e expressões envolvidas – possa revelar possibilidades, e também limites, dos instrumentos e dos critérios matemáticos para se compreender o mundo ... e transformá-lo.

*Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca é doutora em Educação pela Unicamp e coordenadora do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG.

Referências e Indicações de leitura:

Sobre o Inaf-habilidades matemáticas:

Ação Educativa & Instituto Paulo Montenegro. 2º Indicador de Alfabetismo Funcional. <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/inaf02.pdf>

Ação Educativa & Instituto Paulo Montenegro. 4º Indicador de Alfabetismo Funcional. <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/inaf04.pdf>

Fonseca, Maria C.F.R. (org). *Letramento no Brasil: habilidades matemáticas*. São Paulo: Global, 2004.

Sobre as relações entre Matemática e Leitura:

Nacarato, Adair M. & Lopes, Celi E. (orgs.) *Escritas e Leituras na Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Neves, Iara C.B.; Souza, Jusamara V.; Schäffer, Neiva O.; Guedes, Paulo C. & Klüesner, Renita. (orgs). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

Kleiman, Ângela B. e Moraes, Silvia E. *Leitura e Interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

Periódicos especializados em Educação Matemática:

BOLEMA – Boletim da Educação Matemática – Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP – Rio Claro.

Zetetiké – Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática (Cempem) da Faculdade de Educação da Unicamp.

A Educação Matemática em Revista – Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM).

Revista do Professor de Matemática – Sociedade Brasileira de Matemática (SBM).

A singela poética das trovas

Ao contrário da linguagem de uso prático, a característica marcante da linguagem poética é recriar o significado das palavras, apresentando-as num contexto diferente do normal



“A trova é o vaso de flores que o povo põe à janela da sua alma.”

Fernando Pessoa

Por Maria José Nóbrega, consultora pedagógica de LeituraS

*Não sei se é fato ou se é fita,
Não sei se é fita ou se é fato.
O fato é que ela me fita
Me fita mesmo de fato¹.*

As palavras adormecidas nos versos de um poema abrem diversificadas possibilidades de leitura a quem, como dizia Drummond, trazer a chave.

– Abre-te sésamo!

Começemos apreciando como um flerte ingênuo materializa-se nos versos de um poeta anônimo:

Essa trova do cancioneiro popular brasileiro permite reconhecer a característica fundamental da linguagem, quando empregada com intenção poética: a maneira como as palavras se combinam e a vibração que delas emana. Ao contrário da linguagem de uso prático, a característica marcante da linguagem poética é recriar o significado das palavras, apresentando-as num contexto diferente do normal.

1. Extraído de *Diga um verso bem bonito*, de Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona (orgs.). São Paulo: Editora Moderna, 2005.

Em geral, as trovas, pequenos poemas compostos por quatro versos, como o que você leu acima, dividem-se em duas metades, em função da temática desenvolvida ou da organização sintática das frases.

Repare como os dois primeiros versos da trova apresentam a mesma estrutura frasal: **Não sei se é fato ou se é fita / Não sei se é fita ou se é fato**. Semanticamente, em ambos, o poeta expressa sua dúvida: ignora se algo é fato ou fita; verdade ou fingimento. As duas palavras – “fato” e “fita” – julgam a natureza de algo que não foi enunciado.

Embora nos dois últimos versos – **O fato é que ela me fita / Me fita mesmo de fato** – não haja uma estrutura sintática comum, observe como as palavras “me fita” fecham o terceiro verso e abrem o quarto. Parece que o poeta não quer deixar pairar dúvida alguma: é a ele que o olhar dela se dirige. Afirma que “o fato é que...” (não “é provável...” ou “parece...”); “me fita mesmo”, o advérbio “mesmo” reitera que aquilo realmente ocorre; “me fita mesmo de fato”, a expressão adverbial “de fato” afeta todo o discurso, avaliando-o como verdadeiro. Se um é pouco, dois é bom, três parece não ser demais, quando se é o objeto de um olhar que mobiliza tanto.

Mas o que ignora nosso poeta? Não é, certamente, se ela fixa os olhos nele, mas quais são os sentidos do olhar dela. Será fato ou fita, verdade ou fingimento, os sentimentos que aquele olhar insinua? Olhares, oblíquos ou não, parecem sempre sugerir muitas possibilidades.

Chega mais perto e contempla as palavras

O paralelismo presente na construção sintática das frases provoca muitas repetições de palavras no poema, mas duas chamam mais a atenção do leitor: “fato” e “fita”. Esse emprego de palavras de sonoridade semelhante numa mesma frase recebe o nome de paranomásia, popularmente chamada de trocadilho. Mas como nem todas as ocorrências de “fato” e “fita” têm o mesmo sentido, o poeta brinca também com a polissemia das duas palavras, isto é, brinca com a propriedade que as palavras têm de apresentar vários significados. Em “*Não sei se é fato ou se é fita*”, a palavra “fato”

significa verdade, realidade; “fita”, simulação, fingimento: semanticamente há uma oposição. Já no verso “*O fato é que ela me fita*”, “fato” quer dizer acontecimento, evento; “fita” é forma do verbo “fitar”, isto é, fixar os olhos, olhar atentamente. Finalmente, em “*Me fita mesmo de fato*”, a expressão “de fato” pode ser parafraseada por realmente, verdadeiramente.

Esse jogo de palavras produz um efeito brejeiro, malicioso de quem brinca, sedutoramente, com a situação. Como serão os olhares que o poeta também dirige à dona dos olhos?

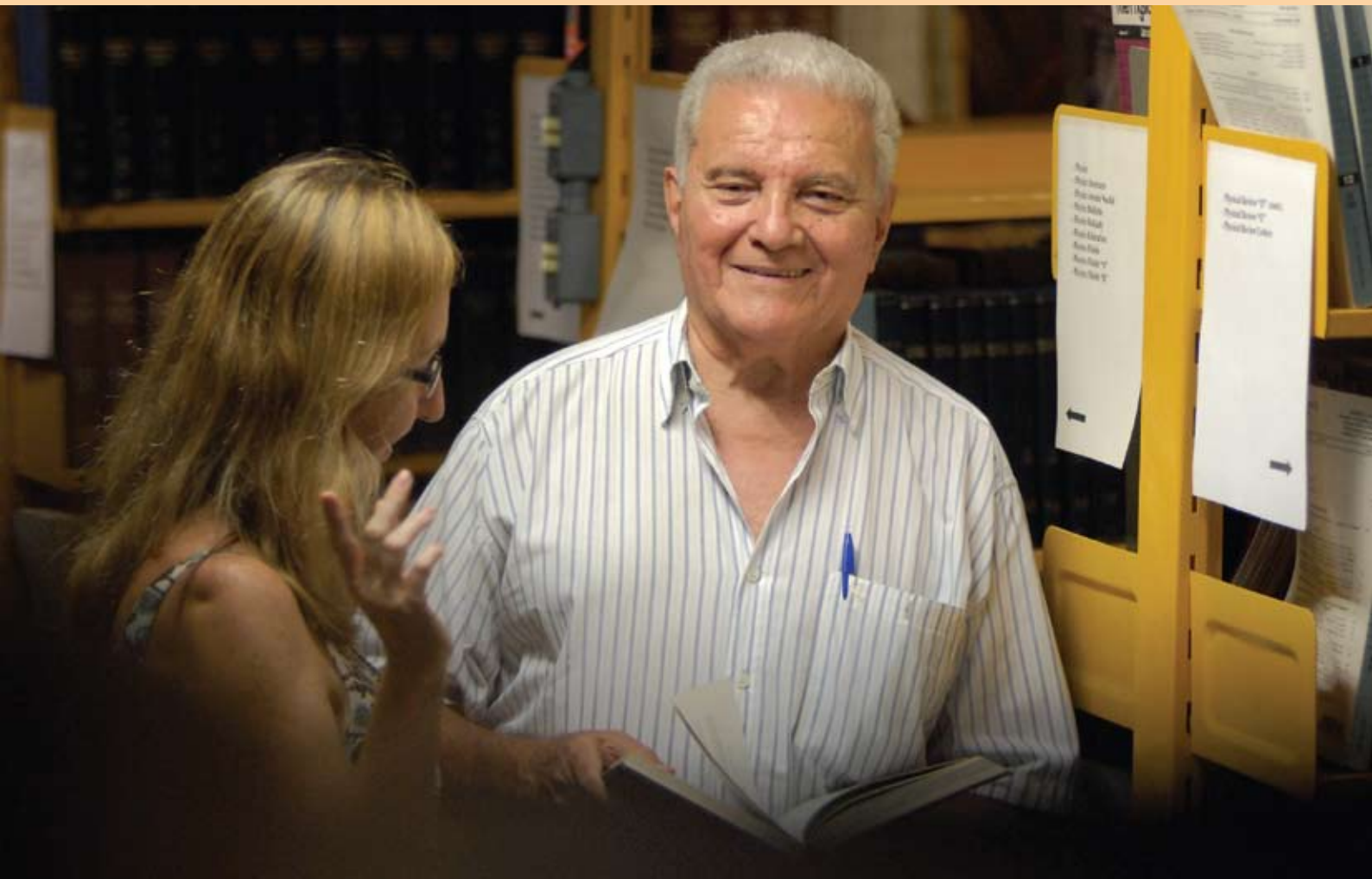
Repara na melodia

Para sentir o ritmo de um poema, leia-o em voz alta. Desse modo fica fácil perceber sua cadência. Nossa trova é uma redondilha maior, isto é, apresenta versos regulares de sete sílabas poéticas, um dos metros preferidos pela tradição popular. A redondilha maior apre-



senta um acento na última sílaba poética e, em outra intermediária: na primeira parte da trova, o acento acontece na quarta sílaba; nos versos finais, na segunda sílaba. A diferença entre as duas partes do poema também encontra ressonância no ritmo. Confira:

1	2	3	4	5	6	7	
não	sei	se é	fa	to ou	se é	fi	(ta)
não	sei	se é	fi	ta ou	se é	fa	(to)
o	fa	to é	que e	la	me	fi	(ta)
me	fi	ta	mes	mo	de	fa	(to)



Leituras de um cientista

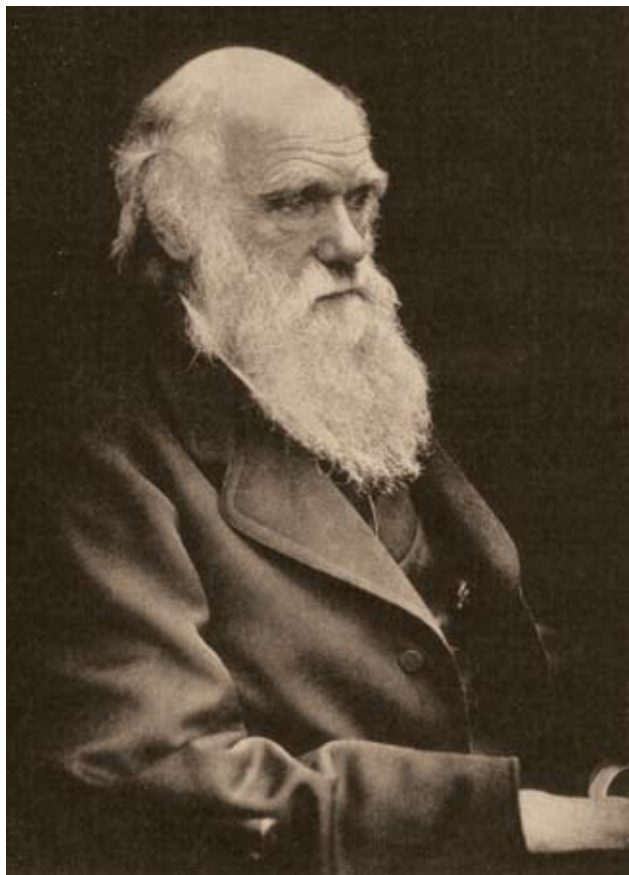
Ricardo Ferreira fala de como livros e peças de teatro conseguem trazer a ciência para a escola de uma maneira envolvente e criativa

O bioquímico pernambucano Ricardo Ferreira é autor de dois livros de informação científica para leitores curiosos em geral, um sobre a Teoria da Evolução e outro sobre a descoberta da estrutura do DNA. O primeiro, chamado *Bates, Darwin, Wallace e a Teoria da Evolução* (Editoras UnB e Edusp, 1990), traz uma envolvente narrativa sobre uma mesma e revolucionária idéia se formando em três cabeças distintas. A idéia era de que as espécies evoluem adaptativamente e as três cabeças eram Henry Walter Bates (1825-1892), Alfred Russell Wallace (1823-1913) e Charles Darwin (1809-1882). Em uma centena de páginas muito bem escritas, acompanhamos como os trabalhos científicos e as viagens a países ricos em biodiversidade dos três pesquisadores desembocariam na Teoria da Evolução das Espécies. Todos estiveram no Brasil; Darwin entre fevereiro e julho de 1832, Bates e Wallace por muitos anos entre 1848 e 1859, na Amazônia. *Um naturalista no rio Amazonas* é o relato de Bates, uma memória de leitura do estudante Ferreira, na juventude.

O livro de Ferreira, atualmente esgotado, mas com promessa de reedição, mostra que os dois menos divulgados (e menos abonados, à época) pesquisadores do trio de viajantes pesquisadores também tiveram papel decisivo na formação da teoria, especialmente Wallace, que em carta dirigida ao próprio Darwin apresentara um pequeno artigo com as mesmas conclusões de diversos trabalhos que Darwin escrevera – sem publicar... Tanto que a solução encontrada pelos cientistas ingleses foi uma apresentação conjunta da teoria junto à Linnean Society, em 1858. E a partir do ano seguinte, com a publicação de *A Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural*, de Charles Darwin, o estudo dos seres vivos jamais seria o mesmo.

A segunda bem-sucedida incursão de Ricardo Ferreira na divulgação científica foi contar, em seu livro *Watson & Crick – A história da descoberta da estrutura do DNA* (Editora Odysseus), como James Watson e Francis Crick chegaram à conclusão de que a chave

Dos cientistas que criaram a Teoria da Evolução, apenas Darwin tornou-se conhecido



da reprodução da vida se encontrava na molécula do ácido desoxirribonucléico, o DNA. Felizmente, este há para comprar. Nesta entrevista ao editor de *LeituraS*, Ricardo Prado, apropriadamente concedida no Espaço Ciência, um dinâmico museu a céu aberto no Recife, o Professor Titular do Departamento de Química da Universidade Federal de Pernambuco e Presidente Honorário da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em 2003, lembra algumas boas leituras que fez.

Leituras de formação

“Desde jovem me interessei muito por Química Quântica. Quando eu tinha 18 anos, no primeiro ano da faculdade, li um livro muito importante para mim: *The Nature of Chemical Bonds and the Structure of Molecules* (*A Natureza das Ligações Químicas*), do Linus Pauling. Foi uma introdução não matemática a noções de Química Quântica. Acho que é o livro mais importante de Química do século XX e marcou toda uma geração de químicos do Brasil e do mundo. Representa o mesmo que foi o *Tratado Elementar de Química*, do Antoine Lavoisier, para o século XVIII – aliás, publicado no ano da queda da Bastilha, 1789.” Há uma versão mais didática deste livro que se chama *Química Geral* (Ed. Ao Livro Técnico, 1969).

A Amazônia e os cientistas

“Eu havia lido o livro de Bates, *Um naturalista no rio Amazonas* (Editoras Edusp/Itatiaia), há muitos anos, quando jovem. E percebi que Darwin era muito conhecido, Wallace relativamente, mas quase ninguém conhecia Bates. Daí resolvi contar essa história. Darwin era da classe dominante inglesa. Wallace e Bates, ao contrário, não tinham recursos financeiros para estudar, pois eram de uma classe média baixa. Para sobreviverem no Brasil, mandavam borboletas brasileiras para serem vendidas para colecionadores. Nesta viagem, Wallace subiu o rio Negro e Bates o Solimões. Em 1851, eles se encontraram em Manaus, compararam suas coleções e concluíram que as espécies se transformam em espécies que lhe são parecidas, o que contrariava a visão existente na Bíblia, segundo a qual as espécies eram fixas.”

Desafios da física moderna

“Acho *Física Moderna*, de Francisco Caruso e Vitor Oguri (Editora Campus), um livro lindo, no qual se usa o método histórico. Eles põem os temas da física moderna, como a Física Quântica e a Teoria da Relatividade, dentro de um contexto histórico, e essa é a melhor maneira de se ensinar ciência.”

Ciência ilustrada

“Um trabalho muito bom e criativo sobre o surgimento do método científico e, portanto, da ciência moderna, em formato de quadri-nhos, foi escrito por um físico da Universidade Federal do Rio de Janeiro chamado Leopoldo de Meis. O livro se chama *O Método Científico* (publicado sob patrocínio do CNPq). Ele e o desenhista, chamado Diucênio Rangel, também publicaram outro livro nesse mesmo formato, *A Respiração e a Primeira Lei da Termodinâmica*.”

Ciência no palco

“Alguns textos teatrais tematizam momentos históricos importantes para a evolução das Ciências. Há uma chamada *Oxigênio*, de Roald Hoffmann e Carl Djerassi (publicado pela Editora Vieira&Lent), que é sobre a descoberta do gás oxigênio e faz um jogo entre passado e presente, usando como mote a discussão em torno de quem mereceria o prêmio como descobridor desse elemento químico. Trata-se de um encontro hipotético, que teria acontecido em 1777 entre Joseph Priestley, Antoine Lavoisier e Carl Scheele.

Outra peça muito boa, que ajuda a compreender a evolução da ciência moderna, é *Copenhague*, do inglês Michael Frayn. A peça mostra um encontro entre Niels Bohr e Werner Heisenberg, construtores e arquitetos da moderna física quântica, que teria ocorrido em setembro de 1941 na capital da Dinamarca. Heisenberg, que era amigo de Bohr há 20 anos, na época em que se passa a peça era o mais importante cientista da Alemanha nazista. Bohr era um judeu que já mantinha contato com os pesquisadores do Projeto Manhattan, que tinha por objetivo a construção da bomba atômica dos Estados Unidos. Os dois cientistas foram importantes na história da física moderna, Heisenberg por seus princípios da Incerteza, e Bohr pelo princípio da Complementari-



Ciência ilustrada: livros ajudam na compreensão de conceitos científicos por crianças e adolescentes

dade. São dois princípios a partir dos quais a física quântica evoluiu imensamente.”

Revistas de ciência

“Para a divulgação da Ciência eu recomendaria, em primeiro lugar, a revista *Ciência Hoje* e também sua versão infantil, a *Ciência Hoje das Crianças* (publicação enviada pelo MEC para as escolas públicas do país), que é um material riquíssimo do ponto de vista da qualidade da informação porque é uma revista escrita por pesquisadores. E a revista *Nature*, que assino desde 1946.”

Principais livros de Ricardo Ferreira:

Watson e Crick: História da Descoberta da Estrutura do DNA. Odysseus Editora, São Paulo, 2003.

Bates, Darwin, Wallace e a Teoria da Evolução. Editora da Universidade de São Paulo, co-edição com Editora da Universidade de Brasília, São Paulo, 1990.

DARWIN, Charles. *Autobiografia* – apresentação: Ricardo Ferreira. Editora Contraponto, Rio de Janeiro, 2000.

Foram muitas as mensagens que recebemos após o lançamento da revista **LeituraS**. É muito gratificante saber que há tantas pessoas interessadas e empenhadas em promover a leitura e que gostaram do nosso trabalho. Transcrevemos ao lado algumas dessas mensagens.

Caros amigos,

Gostaríamos de parabenizá-los pelo lindo trabalho realizado na revista **LeituraS**. A cada dia que passa percebemos que são trabalhos como esse que enriquecem nosso país e os formadores de leitura que nele trabalham.

Aproveito para solicitar um exemplar da revista ou até mesmo que indiquem onde podemos comprá-la.

Carolyni Brito

Marketing e Divulgação, Editora Peirópolis

Saudações!!

Tive acesso recentemente a um exemplar da revista **LeituraS** e fiquei satisfeito com a qualidade das reportagens e matérias publicadas.

Busquei na revista informações sobre como adquiri-la e não encontrei a não ser o endereço eletrônico para contato. Sendo assim, gostaria de solicitar maiores informações sobre como posso ter acesso aos exemplares da revista.

Muito obrigado pela atenção e espero retorno.

Charles Moreto

Professor de Ensino Fundamental da EMEF "Santa Catarina" e Coordenador Pedagógico da EEEM "Pedro Paulo Grobério" - Jaguaré/ES

Senhor editor,

Somos uma fundação dedicada à educação e cultura com 11 (onze) unidades de educação básica e 02 (dois) institutos superiores e tomamos conhecimento da revista através da notícia veiculada hoje no site do MEC.

Gostaríamos de saber como será a publicação da mesma e qual a maneira de recebê-la, pois a avaliamos como muito rica e muito interessante para o nosso trabalho. Temos grupo de formação continuada de professores e o assunto leitura, formação de leitores e escritores competentes é motivo de muito estudo para nós.

Para maior conhecimento sobre nossa fundação acesse o site www.funlec.com.br

Sonia Dantas

Deptº Pedagógico da Funlec

Prezados(as) Senhores (as),

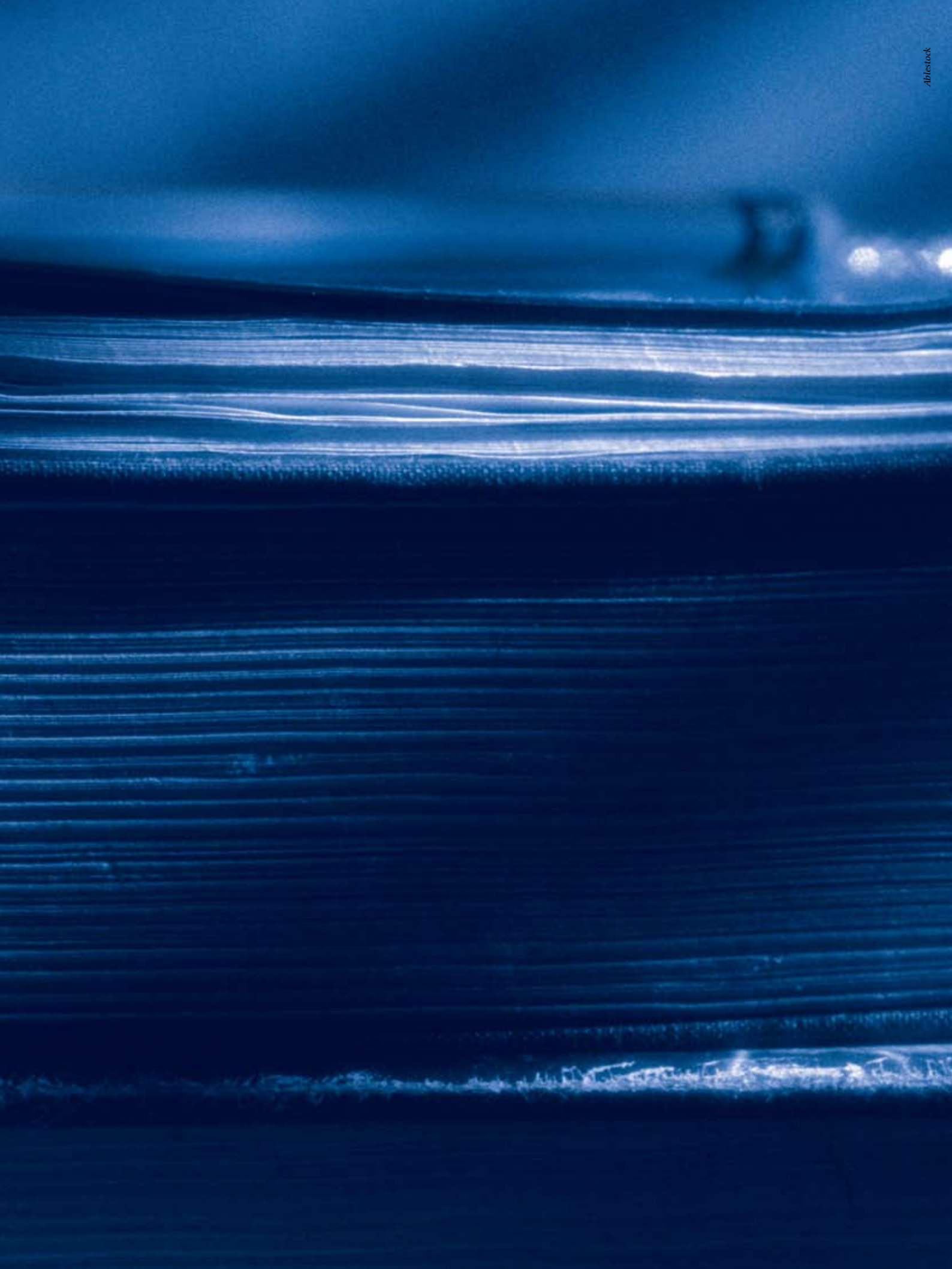
Recebi de uma amiga um exemplar da revista **LeituraS** e gostei muito. As matérias são atuais, com fotos e ilustrações interessantes e de excelente qualidade editorial. Assim, muito agradeceria poder assinar a mencionada revista.

Aproveito o ensejo para parabenizar toda equipe e colaboradores, responsáveis pela publicação desse periódico.

Nízia Martins Sousa

Servidora Pública Federal

A revista **LeituraS** é uma publicação distribuída às escolas públicas de ensino fundamental e, portanto, não é comercializada. É possível ter acesso ao seu conteúdo integral no endereço <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/2006/leituras1.pdf>



Ministério
da Educação

